

Edcarlos da Silva Araujo

Depois da Meia-Noite

EXPERIÊNCIAS EXTRAORDINÁRIAS EM CONTOS,
LENDAS E MITOS QUE NARRAM O COTIDIANO DE
CAMOCIM-CE (1950-1969)

SER
TÃO
CULI





Edcarlos da Silva Araujo

Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (2019-2021). Desenvolve pesquisa sobre o patrimônio cultural brasileiro. É Licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2014-2018). Foi bolsista MEC/PET/FNDE do Programa de Educação Tutorial - PET História/UVA (2015-2018). Mediador Cultural do Centro de Referência Cultural e Histórica de Sobral - Casa do Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchôa 2015-2016.

Edcarlos da Silva Araujo

Depois da Meia-Noite

EXPERIÊNCIAS EXTRAORDINÁRIAS EM CONTOS,
LENDAS E MITOS QUE NARRAM O COTIDIANO DE
CAMOCIM-CE (1950-1969)

Sobral - CE

2021



DEPOIS DA MEIA-NOITE: EXPERIÊNCIAS EXTRAORDINÁRIAS EM CONTOS, LENDAS E MITOS QUE NARRAM O COTIDIANO DE CAMOCIM-CE (1950-1969)

© 2021 copyright by Edcarlos da Silva Araujo.

Série História Camocinense - Tomo 2 - Volume 2

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoicult.com
sertaoicult@gmail.com
www.editorasertaoicult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho História

Ana Paula Gomes Bezerra
Andréia Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Cícero João da Costa Filho
Cid Moraes Silveira
Felipe Azevedo Cazetta
Francisco Denis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Maria Aparecida de Sousa
Raimundo Alves de Araújo
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves
Viviane de Souza Lima

Organizador da Série História Camocinense:
Carlos Augusto P. dos Santos

Revisão

Angélica Feitosa

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

A663d Araujo, Edcarlos da Silva.

Depois da meia-noite: experiências extraordinárias em contos, lendas e mitos que narram o cotidiano de Camocim-CE (1950-1969). / Edcarlos da Silva Araujo. – Sobral, CE: Sertão Cult, 2021.

108p.
(Série História Camocinense)
Tomo II - v.II

ISBN: 978-85-67960-60-9 – papel
ISBN: 978-85-67960-61-6 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/67960616-2021

1. Mitos. 2. Contos. 3. Lendas. 4. Cotidiano. I. Título.

CDD 830.9
907.2



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE

Caros alunos, cidadãos camocinenses e leitores em geral.

Dentro do processo de divulgação de nossa história, desde 2017 que o município de Camocim conta com o livro didático HISTORIANDO CAMOCIM, além de outros títulos de caráter paradidático, como: A NOSTALGIA DOS APITOS – A Estrada de Ferro de Sobral. Quarenta anos depois da partida do último trem de Camocim (1977-2017); PINTO MARTINS – Um voo na memória e na história do avião camocinense; e O TERRA E MAR - Roteiros históricos e sentimentais de Camocim na obra de Carlos Cardeal.

Sem dúvida que a adoção e circulação destes livros no campo da história tem dado uma contribuição fundamental para professores e alunos da rede pública de ensino. No entanto, muito ainda sobre nossa história precisa ser pesquisado, publicado e divulgado. Neste sentido, estamos apresentando mais um projeto que busca ampliar e diversificar os temas que contam a história de nosso povo – a SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE, fruto do trabalho de organização do Coletivo de Historiadores de Camocim.

Embora ainda em caráter informal, o grupo de historiadores locais vem se reunindo desde o ano de 2020, imaginando projetos e propondo ações junto a vários parceiros e a administração pública, que dizem respeito à preservação histórica e do ensino de história.

Desta forma, a SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE, inicialmente pensada em três tomos, cada tomo com dois volumes, tem como objetivo

primeiro dar vazão a uma demanda reprimida de ótimos trabalhos de pesquisa realizados por historiadores locais. Nesta primeira leva de publicação da série, dois tomos virão a lume, com quatro trabalhos, abaixo discriminados os seus títulos e autores:

Tomo 1 – Eixo: Comunicação e cultura musical.

Vol. 1. “CAMOCIM RESPIRAVA ESSE AR DE MÚSICA”: História e memória dos festivais de música em Camocim-CE (1986-2003). Autores: Francisco da Paz Pessoa (Sílvio Paz) e Carlos Augusto Pereira dos Santos.

Vol. 2. A CANTORIA NAS ONDAS DAS RÁDIOS AM DE CAMOCIM: Relações políticas e culturais (1979-1989). Autora: Maely Alves de Mesquita.

Tomo 2 – História e Imaginário.

Vol. 1. MIOLO DE POTE – Dez anos do blog “Camocim Pote de Histórias” (2011-2021). Autor: Carlos Augusto P. dos Santos

Vol. 2. DEPOIS DA MEIA-NOITE: Experiências extraordinárias em contos, lendas e mitos narram o cotidiano de Camocim-CE (1950-1969). Autor: Edcarlos da Silva Araújo.

Por ora, agradecemos a Prefeitura Municipal de Camocim por possibilitar a publicação destas obras e a sua inserção na rede pública de ensino. E que futuras parcerias possam se concretizar para uma maior divulgação e visibilidade da nossa história.

Camocim, setembro de 2021,
142 anos de emancipação política.

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador da Série História Camocinense.
Prof. do Curso de História da Universidade
Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Agora era fatal. Que o faz-de-conta terminasse assim.
Pra lá deste quintal. Era uma noite que não tem mais fim.

João e Maria – Chico Buarque

AGRADECIMENTOS

Ainda não me parece real que estou escrevendo isto! Ao longo desses quatro anos e dois meses, muitas histórias foram contadas, foram muitas experiências que, sem dúvidas, transformaram minha vida em algo muito melhor. Então, eu sou muito grato a todos que estiveram comigo nessa caminhada.

Tenho que agradecer a minha família por sempre ter impulsionado os meus sonhos. Mãe, pai e irmãos, a realização dessa etapa da minha vida se deve muito a todos vocês, devo a pessoa que sou a minha família e espero poder um dia retornar a ela tudo de bom que me foi ofertado. Agradeço a Elaine por acreditar que eu sou a melhor pessoa do mundo. Agradeço à minha mãe por confiar tanto em mim e me deixar livre para viver o meu mundo. Agradeço ao Genilson por ter me ajudado em todas as vezes que eu entrei em desespero nos últimos quatro anos. Eu amo vocês.

Aos meus amigos, gostaria de mais uma vez dizer o quão cada um de vocês é importante para mim. Eu sempre tento ao máximo ajudar as pessoas que estão ao meu lado, eu sou cheio de falhas como qualquer ser humano, mas eu sempre tentei ter um bom coração, para retribuir todo o apoio que vocês me deram. Romário, Vitória, Wesley, Samuel, Ian, Lorrane, e Roberto, eu amo cada pedacinho de vocês.

É claro que, quando cito meus amigos, estou fazendo referência também aos meus colegas de bolsa. O PET (Programa de Educação Tutorial) foi essencial para a minha formação acadêmica e principalmente como ser humano. Todos vocês são muito importantes para mim, e eu nunca vou esquecer daquelas três garotas que entraram comigo nesse programa: Jaiana, Adelina e Malena, eu amo vocês. Isabela e Edgley, vocês são meus pupilos, levem o PET cada vez mais longe. Sou grato a todos os meus companheiros do PET. Vou sentir saudades de Lilian. Sou muito grato também às minhas duas tutoras, as professoras Edvanir Maia e Mariana Dantas, por serem tão compreensivas e nos ajudarem a crescer.

Devo agradecer também pelo aprendizado que tive enquanto mediador da Casa do Capitão-Mor, Edilberto e Neyci me deram a oportunidade de viver momentos incríveis trabalhando diretamente com o público e com a história. Sempre me sentirei parte daquela pequena casinha no centro da cidade.

Agradeço aos professores do curso, pelo suporte ao longo da jornada acadêmica. Gostaria de ressaltar aqui a figura do professor Ítalo Bezerra pela competência, dedicação, e pela espontaneidade. Espero um dia fazer meus alunos sentirem o mesmo que sinto pela sua pessoa: admiração. E claro, agradeço muito ao meu professor orientador, Tito Barros Leal, por ter encarado a proposta desta pesquisa comigo, e por sempre ter me instigado a produzir o meu melhor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

MITO E HISTÓRIA: CONEXÕES POSSÍVEIS.....	17
Memória e Narrativa: Caminhos escolhidos.....	27
A Tradição Oral e a Etnografia: Possibilidades de Pesquisa.....	29
Cidade e Cotidiano: O homem moderno e o mundo maravilhoso.....	40

CAPÍTULO 2

NOSSOS PRIMEIROS CONTOS.....	51
No Final Feliz, o Ego Triunfa: Construção narrativa do “final feliz”.....	56
A Residualidades: A temporalidade reconfigura a narrativa.....	61
Histórias do campo, entre fadas e almas: Enredos e adaptações.....	67

CAPÍTULO 3

OS INIMIGOS DO MISTÉRIO: OS HOMENS DAS LETRAS VERSUS OS HOMENS DAS TREVAS.....	73
“ABERRAÇÃO!” – O monstro como símbolo.....	79
Uma história moralista para contar: reprimindo a vaidade e castigando os incrédulos com o medo.....	85
Como se livrar do bicho papão? O poder do aprendizado.....	93

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	101
-------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA.....	103
--------------------------	------------

INTRODUÇÃO

Pensemos sobre o que escreveu Platão, grande filósofo da Grécia antiga, discípulo de Sócrates, no texto *A Alegoria da Caverna* ou como também é conhecido *O Mito da Caverna*, livro VII de *A República*¹, obra escrita por volta de 380 a.C. Existe uma caverna separada do mundo exterior por um muro. Entre o muro e a caverna, há uma fresta por onde passa a luz externa, o que impede a caverna de estar na total escuridão. Desde que nasceram alguns seres humanos habitam essa caverna, estes passaram a vida acorrentados, sem poder mexer se quer suas cabeças para a entrada da caverna, muitos menos se locomover até lá, eles podem apenas olhar para a parede no fundo.

Dentro da caverna, há um fogo que ilumina, ainda que pouco, o ambiente, e também projeta sombras na parede. As sombras representam o que se passa do lado de fora. Nelas, vemos homens e mulheres caminhando e conversando; vemos também, objetos e animais. Como não conhecem o mundo exterior, os prisioneiros acreditam que as sombras são as verdadeiras pessoas e que os sons são produzidos pelas sombras e chegam até a atribuir nomes ao que julgam ver sem, contudo, conhecer a realidade.

Contudo, um dos prisioneiros incomodados com a situação em que vive decide sair da caverna. Ele consegue quebrar suas

1 PLATÃO. *A República*. Organização: Daniel Alves Machado. Brasília: Editora Kiron, 2012.

correntes e sair, mas logo a luminosidade do sol o cega. Ao recobrar a visão, ele não acredita no que vê, tenta ele decidir se acredita nas sombras da caverna ou nos corpos que vê à sua frente. Ele pensa em voltar à caverna onde lhe é familiar e seguro, mas permanece no mundo exterior e, aos poucos, se habitua e descobre a sua realidade anterior de prisioneiro em que via apenas sombras. Vendo-se livre e entendendo seus companheiros na caverna como prisioneiros de uma falsa realidade, ele decide voltar à caverna para convencê-los a se libertarem. Entretanto, os prisioneiros não acreditam nele, riem de suas palavras e, no final, acabam por matá-lo, silenciando sua visão do mundo exterior.

Uma “alegoria” é uma história inventada que, muitas vezes, é usada para inspirar concepções ideológicas que estão embutidas figurativamente nas narrativas em que apresentam. Partindo disto, tomemos para nós as indagações: o que significa a caverna, as sombras, as correntes? Quem são os prisioneiros? O que é a luz do sol?

Nesta pesquisa, um objeto de estudo não significa outra coisa. O conteúdo exposto aqui pode muito bem parecer uma junção de histórias inventadas em um lugar, por um povo, em um determinado momento do tempo, para explicar uma moral, expressar conselhos, ou até mesmo dar uma lição de vida, mas não sabemos se elas foram criadas para isso. Contudo, isso não significa que elas não possam trazer uma moral, dar conselhos e expor uma lição de vida. O que nos importa aqui são os seus significados.

Podemos muito bem entender que os habitantes da caverna narrada por Platão vivem em uma ilusão, pois não compreendem o mundo da forma que compreendemos, forma esta que consideramos a correta, mas devemos nos atentar que eles se mantêm fiéis às sombras que veem na caverna por que não conhecem o mundo exterior, não tiveram nenhuma experiência fora do espaço em que nasceram.

Assim como os habitantes da caverna estão presos a ilusões, nós, moradores do mundo exterior, também estamos. Acredita-

mos em convenções que foram estabelecidas muito antes de nós nascermos, vivemos sob dogmas religiosos, políticos e sociais; há um domo sobre todos nós, que delimita até onde podemos ir. Não perguntamos, apenas aceitamos e cumprimos. Queremos sempre a verdade, mas não perguntamos o que configura a verdade e o que denuncia a mentira. Acreditamos num conjunto de crenças palpáveis que nos mostram a realidade e alimentam a nossa vida, suprem as perguntas sobre a nossa existência.

Quem se opõe ao que todos veem como natural talvez consiga entender melhor o mundo. Ou, pelo menos, consiga buscar entender as coisas questionando-as para poder aceitá-las, isso é o que a filosofia defende como atitude crítica.

E a atitude crítica da filosofia, aliada à história, em sua concepção de história oral e cultural, ligadas pela pesquisa de campo e pela escrita etnográfica, talvez consigam responder ao grande problema desta pesquisa. Por que cremos no que cremos? Por que os moradores de Camocim creem no lobisomem? Por que contam histórias sobre o antigo cemitério da cidade? Por que dizem ter ficado de frente com assombrações?

Não se trata de discorrer e investigar sobre a veracidade dos fatos contados, mas de entender como essas histórias percorrem o imaginário das pessoas, passando de geração a geração, mais comumente pela tradição oral, e como alteram o funcionamento das estruturas culturais e sociais da vida em comunidade.

Certamente boa parte da população de Camocim, bem como de todo o Ceará e do Nordeste, ouve ou já ouviu muitas histórias como contos, lendas e mitos próprios do espaço onde se vive. O Nordeste é conhecido como o berço dessas histórias, que representam um pouco da cultura dessa região. Durval Muniz justifica isso em seu livro *A Invenção do Nordeste* (2011) e, ao falar sobre

como o sertão era visto, ele explica “É um espaço visto como repositório de cultura folclórica, tradicional, base para o estabelecimento da cultura nacional”¹. O sertão, em tese, preservaria até certo ponto a ideia de cultura e tradições tipicamente brasileiras.

Ouvimos histórias sobre lobisomem, assobiador, fantasmas e muitos outros seres, desde a infância e, com o tempo, elas entram em nosso imaginário, criando uma grande fantasia dentro da realidade, fazendo muitas pessoas jurarem ter estado cara a cara com um lobisomem e ainda terem o desafiado para um entrave corporal. Meu fascínio por esse tema vem desde a infância, quando ouvia muitas dessas histórias que meu pai me contava sobre os monstros que ele já havia se deparado pelas pequenas localidades do entorno de Camocim.

Camocim, localizada no litoral oeste cearense, é permeada por histórias de pescadores, memórias da antiga Estação Ferroviária e por monstros dos interiores ao redor da cidade. Possui pouco mais de 60 mil habitantes, segundo o censo do IBGE de 2010², e é considerada uma cidade pequena por possuir poucos habitantes e ainda não possuir desenvolvimento econômico significativo. Toda conversa, situação ou intriga se dissipam muito facilmente pela cidade. Assim, basta apenas que uma pessoa levante uma hipótese sobre algum outro morador e o cochicho está formado. Foi assim com um senhor do bairro Olinda, até hoje o acusam de ser um lobisomem, pelo fato de que ele não cortava as unhas dos pés nem das mãos, sua barba era enorme, desgrenhada e suja, não havia constituído família e não possuía amigos já estando na velhice, além da população do bairro falar que ouviam muitos barulhos estranhos na noite de quinta para sexta-feira (popularmente mo-

1 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 67.

2 O município contava com o número de 60.158 habitantes no último Censo. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ce/camocim/panorama>. Acesso em: 18 jun. 17.

mento em que ocorre a transformação do homem em lobisomem). Essa é uma história comum aos moradores da cidade, sem autor, que assim se disseminou, percebe-se que, desse modo, a lenda do Lobisomem da Olinda estava criada.

Sobre esses contos, lendas e mitos, podemos afirmar que os conhecemos como são, mas não sabemos de onde essas histórias vêm, como surgiram, como chegaram até nós e o que considero mais importante, porque repassamos essas histórias? Qual o objetivo em contarmos essas histórias? E como uma análise dessas narrativas podem nos revelar parte da construção do passado de um povo?

Ao longo dos três capítulos desta monografia, vamos caminhar pelo percurso de entendermos como se pesquisa o tema em questão, quais são os caminhos, as metodologias e as fontes, apresentaremos também uma visão da origem e ressignificação de muitas histórias de assombração que ainda estão presentes, principalmente nas cidades menores e, por último, observaremos as experiências do povo de Camocim com os lobisomens, visagens e outros seres, inferindo disto a construção das sociabilidades na cidade e os aspectos do processo de desenvolvimento socioeconômico do município.

CAPÍTULO 1

MITO E HISTÓRIA: CONEXÕES POSSÍVEIS

- *Conta uma história?*

O ponto de interrogação era mera formalidade de semântica. Na verdade, a frase, ainda que doce, soava imperativa: Conta uma história!

Hosaná Dantas.

Seria possível encontrar alguma ligação entre os rituais dos indígenas da América pré-colombiana com o pensamento mitológico do homem grego do mundo clássico? Ou identificar estruturas semelhantes nesses casos, que nos levem a entender seres como o lobisomem na versão de uma figura xamânica do folclore húngaro ou o lendário perna cabeluda que, desde os anos 1970, aterroriza as noites em Recife? Certamente:

Seria inviável, por exemplo, tentarmos encontrar, na linguagem dos aborígenes americanos, tipos de categorias do pensamento “aristotélico” ou, ainda, elementos correspondentes ao sistema de sintaxe discursiva do grego ou do latim. Certamente, tais expectativas fracassariam.¹

¹ LIMA, Cláudio Emanuel Corrêa. *Mito: uma análise crítica*. Fortaleza, Edições UFC, 2007.

Objetivar dispor todos esses eventos em uma mesma categoria parece-nos inconcebível. Não obstante, podemos considerar um olhar por outro enfoque. O que não implica dizer que as formas de linguagens dos aborígenes não possuam coerência lógica² em comparação com o pensamento dos gregos clássicos. E, mesmo que a linguagem dos aborígenes não corresponda a algumas exigências da estrutura linguística grega, pode significar, no entanto, que ela nos revele muitos outros arquétipos linguísticos, que não nos são conhecidos².

Os mais diversos elementos que compõem as sociedades se estabelecem em circunstâncias infinitas, e se apresentam por diversas representações simbólicas, que são o cerne desta pesquisa, entender como configurações simbólicas de contos podem expressar costumes e ideias, unir grupos e formar uma identidade coletiva, sendo um elemento formador.

Uma das hipóteses para o surgimento dos mitos é que essas narrativas, em um primeiro momento transmitidas pela oralidade, e depois de forma escrita, demonstravam ideias, defendiam uma visão, muitas vezes criada pela imaginação de um grupo social, mas que sempre, além de entreter um fato, ensinavam sobre o assunto.

Os mitos, assim como a História, podem ser entendidos como forma de saber como eram e como viviam povos em determinado momento da história. Segundo Bayard³, eles resistem pela forma romântica com que os tratamos, deixando à mostra emoções que nos cativam mais do que uma série de eventos cronológicos e específicos, que a tendência positivista aplicou a História em outrora.

2 A. Meillet, escritor de vários livros sobre idiomas de várias regiões do mundo, afirma que nenhuma das línguas conhecidas pode ser entendida como primitiva, pois todas apresentam estruturas lógicas sonoramente e morfologicamente, concluindo que não há linguagem pré-lógica, contrariando o princípio de pré-lógico usado por Levy-Bruhl, que configura a mentalidade pré-lógica associada à representação mítica.

3 BAYARD, Jean-Pierre. *História das Lendas*. Tradução Jeanne Marillier. Ridendo Castigat Mores. 2005.

No senso comum fala-se muito que herdamos alguns costumes do índio, do português e do africano, isso é fato devido ao nosso processo de colonização; porém, entender como esses costumes se perpetuam até os dias atuais é algo que está para além dos nossos olhos. Para nos aproximarmos desse conhecimento faz-se necessário um exercício de pesquisa histórica no qual partimos das representações que temos hoje, para tentarmos entender como se davam essas manifestações no recorte temporal em estudo.

O historiador se utiliza da verossimilhança, pois nunca iremos resgatar um dado momento tal como ocorreu. Então, se aproximar o máximo possível do objeto de estudo é o caminho, mas sem ilusões quanto ao reproduzi-lo novamente. Partindo desse ponto, entendo que seria, no mínimo, presunçoso propor aqui que traria uma análise ocular da origem dos contos, lendas e mitos, então me resguardo a análise do entendimento de como essas histórias se apresentam e que sentidos possuíam na vida das pessoas na cidade de Camocim no recorte histórico situado.

Com isso, cremos que seja de suma importância registrar alguns exemplos citados por Nilza Botelho Megale, no livro *Folclore Brasileiro*⁴, que foram referências e influências para a cultura que temos hoje, vindos dos indígenas, portugueses e africanos, que estão logicamente relacionados com os contos, lendas e mitos. Algumas das influências indígenas são: “Vários mitos, sobretudo de metamorfoses, como o Boitatá, o Curupira, o Saci-pererê, a Iara, etc. Lendas como a de Sumé, a origem da mandioca, a criação da noite”. As influências portuguesas são: “Contos populares da literatura universal vieram com os portugueses, adaptando-se ao novo ambiente e adquirindo o colorido da terra; Pedro Malasartes, a Gata Borralheira, o Chapeuzinho Vermelho, a Madrasta, as fadas.” E as influências africanas representam: “A tendência a mis-

4 MEGALE, Nilza Botelho. *Folclore Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

turar crenças religiosas, rituais característicos, como o candomblé, a macumba, a umbanda”⁵.

A união desses costumes, aliados aos de outros povos que vieram a se instalar no Brasil, geraram o que somos hoje. Devemos a essa congregação não só os contos, lendas e mitos, mas também os sabores do nosso prato, os encantos da nossa dança, e as nossas formas de viver.

Fazemos uma ligação dos mitos com a História a partir de algumas questões. A primeira diz respeito aos mitos serem uma forma de entendermos como viviam as pessoas; a segunda, sobre o lugar em que essas histórias são vividas e a terceira, sobre o tempo em que se passavam. Localizando essas três questões, temos um vindeiro campo de estudos historiográficos, neste caso específico, a cidade de Camocim na segunda metade do século XX, a partir das vivências dos entrevistados e de recortes de memórias escritas.

O que possibilita a execução dessa pesquisa são as abordagens que temos hoje dentro da História Cultural, que vêm abrindo margem para a pesquisa e análise de campos inumeráveis. Com a Nova História Cultural, podemos entender como se dão muitos dos processos relacionados à cultura que, antes, não faziam parte do estudo do historiador. Ao mesmo tempo, parece que, nessa “nova história”, o historiador é como um camaleão que se adapta a quantos ambientes quiser, podendo estudar a música, o cinema, a religião entre outros campos.

Com isso, se estabelecem relações entre temas como política, religião, economia, e outros que, por sua vez, nos demonstram as relações que se podem constatar entre a História Cultural e a História Social, que são as peças chave nesse novo contexto da Nova História Cultural.

5 MEGALE, 2000, p. 25.

Segundo Pesavento⁶, a partir da década de 1990, a maioria dos trabalhos historiográficos de forma nacional abordavam questões da História Cultural. Notamos uma mudança nos objetos de estudos da História, entrando em cena novos grupos, com novas questões que ampliam as relações socioculturais. Ainda segundo Pesavento, mesmo com novas interpretações como o marxismo e o movimento dos Annales, não significa que houve uma ruptura por completo de paradigmas, e que os questionamentos a algumas posturas historiográficas que ocorreram no final do século XX impulsionam, portanto, uma renovação que ainda está em curso.

Então, como as narrativas em estudo tratam de um cotidiano comum, ligado a sujeitos históricos que pouco são evidenciados pela História, é que se propõe que a História Cultural possa abarcar as concepções que vigoram aqui:

[..] no campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas.⁷

São muitas as correntes teóricas que podem ser aplicadas a este tema, como a Nova História Cultural, a Antropologia, a Etnografia e, também, é possível fazer uma análise voltada para a área do Folclore, na qual poderia se contar como essas histórias se explicam dentro do folclore brasileiro, ou na área da tradição, explicando como esses seres fazem parte da cultura de uma vila ou município.

6 PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

7 BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, p. 26.

Também se pode estudar pelo lado no qual se estuda os fenômenos que podem dar indícios da veracidade ou da falsificação das histórias contadas, assim como se pode pesquisar sobre a psicologia na construção dos monstros no imaginário das pessoas. É claro que aqui não conseguirei abarcar todas essas áreas, mas pretendo explicar alguns conceitos pertinentes para que se possa entender como essas histórias chegaram a ser o que são hoje.

Com a Escola dos Annales, que é a principal revolução historiográfica do século XX, os temas de pesquisa do historiador vêm se alargando. Também deixamos de lado o espírito positivista do século XIX e não buscamos mais a exatidão dos fatos. Não fazemos agora o exercício de eliminarmos nossos preconceitos e prenoções diante do tema estudado. Vemos que, ao longo do tempo, a História vai se alterando e é nesse sentido que buscamos entender sobre a Nova História Cultural, tendo em vista as relações que se podem fazer hoje e que não existiam há poucas décadas atrás.

Na Nova História Cultural, discutimos e trazemos para nós conceitos antes apenas destinados a antropólogos, cientistas sociais e outras áreas afins. Acredito que isso pode enriquecer a pesquisa do historiador a partir da utilização de novos métodos para a pesquisa histórica. Observando que contribuições que recebemos da antropologia, José D'Assunção Barros diz: “A contribuição maior da Antropologia para a Nova História Cultural, neste caso, tem sido a de proporcionar uma nova abordagem que remonta ao que, na Antropologia, denomina-se ‘descrição densa’”⁸.

Nesse sentido, o conceito da *descrição densa* mostrou-se como um novo método ao historiador, no qual se observa minuciosamente os detalhes, buscando neles as mais diversas interpretações e possibilidades de pesquisa, o que nos leva a lembrar da micro-

8 BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011, p. 39.

-história de Carlo Ginzburg com suas obras dentre as quais se resalta *O Queijo e os Vermes*(2006)¹². Fazendo essa relação, podemos perceber que, ao se analisar um objeto através da micro-história, teremos uma visão mais ampla dos detalhes, fazendo com que nasçam problematizações que provavelmente passariam despercebidas por outro método.

Partindo para correntes dentro a História Cultural, irei abordar brevemente as “práticas” e “representações”, conceitos já explorados por Roger Chartier em *A História Cultural: entre práticas e representações*⁹, e Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*¹⁰, pois se notam como grandes influências para o entendimento que temos hoje sobre práticas e representações culturais. Cremos que ao estudarmos a cultura nas suas práticas e representações acabamos interferindo em todo o sistema que compõe uma sociedade, pois, ao se estudar personagens sociais, entramos na política, economia, religiosidade, e etc. Com isso, torna-se impossível analisar o homem em uma perspectiva cultural e querer dissociá-lo da perspectiva social, pois ambas estão imbricadas, logo inseparáveis, assim a produção de cultura está diretamente associada ao caminhar social.

Pode-se perceber que a Nova História Cultural está para além da renovação de conceitos e chega também a validar novas abordagens, entrando em campos infinitos dentro da cultura. Um exemplo disso é entendermos uma figura social se representando através de diversas áreas dentro da cultura. Os temas já são os mais diversos como a história do cotidiano, a história das tradições, etc. Parece-nos que essa escolha por analisar diversos temas dentro dos moldes da História Cultural é um meio de buscar novas visões e, conseqüentemente, novos caminhos.

9 CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

10 CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

Por fim, vemos que a História Cultural tem sido um novo caminho para se chegar a objetos já vistos, mas agora com outros olhares ainda não explanados. Não se trata de escrever História apenas sobre novos temas; se trata também de um novo método para a escrita da história. A História Cultural se torna interdisciplinar por conversar com outras ciências trazendo novos métodos que fazem ainda mais com que o objeto de estudo se alargue e, com um campo vasto para diversas análises o historiador, pode-se desprender de certos conceitos e criar novos, através desses novos estudos que podem e devem surgir.

Com isso, vejo em Certeau¹¹ que toda pesquisa historiográfica nasce e se articula a partir de um lugar onde temos relações socioeconômicas, políticas e culturais, que se realizam a partir de determinações locais, o que submete a pesquisa a fatores como opressões e também nos apontam intenções e privilégios. Desse modo, para se poder fazer a História a partir dos mitos de um lugar, temos que colocar em prática métodos específicos que nos levarão à obtenção de nossos interesses, assim criam-se também as indagações relativas a cada novo documento que surge.

E neste caso trabalhado e ainda sobre as ideias de Certeau, não se trata aqui de fatos ou de experiências ‘extraordinárias’ que os discursos hagiográficos ou místicos utilizam, sob formas, aliás, muito diferentes, para estabelecer o estatuto de uma linguagem de ‘verdade’¹². Não se busca delimitar verdades dentro das histórias relatadas, mas sim entender como elas se configuram como parte integrante do cotidiano de grupos sociais, e quais papéis assumem.

Tendo em vista isto, é que optamos pela metodologia da História Oral, para a captação dos depoimentos dos entrevistados, que é a ferramenta que me auxiliou a transpor, interpretar e analisar as

11 CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

12 *Ibid.*, p. 227.

memórias colhidas e as transformar em História. Conceituando a metodologia da história oral segundo o que diz Verena Alberti no livro *Fontes Históricas* (2011), é a:

[...] realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido.¹³

Segundo Alberti, “A História oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade”¹⁴. Que é o foco principal deste trabalho.

Um ser metade homem, metade touro, animais falantes, espíritos que assombram casas e efeitos *poltergeist* contrariam a nossa racionalidade e exploram o ambiente de um mundo em que o maravilhoso reside. Essas narrativas foram criadas por diferentes homens em diferentes culturas, contudo, sofreram com modificações e interações, o que faz com que possamos identificar semelhanças no enredo de algumas histórias. E essas semelhanças podem nos levar a questionar possibilidades no que se refere ao local e tempo em que tais mitos foram produzidos, assim podemos encontrar alguns exemplos de residualidades.

A *cristalização* em seu conceito de cristalização estética dentro da Teoria da Residualidade pode ser entendida como o “aproveitamento estético de *resíduos* literários e culturais realizado por

13 ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: Histórias Dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 155.

14 *Ibid.*, p. 155.

artistas”¹⁵, incluindo os escritores que, em seu trabalho de reformulação dos resíduos, fazem com que esses aspectos possam ser trabalhados de maneira quase que infinita e que pode se manter no imaginário e na mentalidade de muitos povos.

O que possibilita que encontremos indícios de concepções medievais em nosso território, mesmo que tal momento não seja considerado parte da História do Brasil pela historiografia. Contudo, os homens que chegaram aqui no período do achamento do Brasil traziam consigo além das motivações já muito conhecidas sobre riqueza e religião, suas memórias e sua oralidade sobre o mundo ibérico, que foram dissipadas no processo de colonização.

O que corrobora com a *Teoria da Residualidade Literária e Cultural* proposta por Roberto Pontes¹⁶, que vai dizer que *sedimentos mentais* são exemplos de resíduos do passado, que perpassam o tempo e a mente humana e que se estendem para além das nossas vontades até de forma involuntária: “Para demonstrar a presença de reminiscências do passado que se acumulam na mente humana e se refletem no texto de forma involuntária, através de diferentes estruturas e temáticas”¹⁷.

Desse modo, a residualidade está ligada à mentalidade, pois resíduos podem aparecer nas obras sem que o autor perceba que está aproveitando elementos já existentes, colocando, assim, em funcionamento os *sedimentos* da sua mentalidade e do coletivo que o cerca.

15 MARTINS, Elizabeth Dias. A Cristalização da Idade Média na Literatura Brasileira. *Revista Graphos*, Paraíba, v. 17, n. 2, p. 34-39. 2015, p. 35.

16 A Teoria da Residualidade, proposta por Roberto Pontes, é registrada junto à Pro-Reitoria, de Pesquisa e de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará e ao Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq. Roberto Pontes utilizou o termo residualidade a princípio em sua dissertação de mestrado (1991), publicada em livro, sob o título de Poesia insubmissa afro-brasileira (1999), para explicar como resquícios do passado se sedimentam na mente humana e são repassados de forma automática.

17 SILVA, Fernanda Maria Diniz da. *Mentalidade e Residualidade em Memória corporal*, de Roberto Pontes. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007, p. 39.

Memória e Narrativa: Caminhos escolhidos

A memória, em seu entendimento mais comum, é um recurso biológico, relativo à capacidade de lembrar-se do passado, mas que também está suscetível a esquecimentos, devido à nossa capacidade limitada de armazenar lembranças. Contudo, também está diretamente ligada às nossas intenções em usar as memórias. O ato de não querer lembrar também é uma posição significativa em um sistema de convívio social.

Em *O Doador de Memórias*¹⁸ (2014), de Lois Lowry, observamos um mundo presumivelmente ideal, onde não existe dor, guerras ou outro conflito, mas também não existe amor, paixão, alegria. Todos os moradores desta comunidade vivem em ordem e sem intenções; cada um cumprindo dia a dia sua função para com o bom andamento de sua sociedade. Todas as suas memórias foram apagadas, não existe o passado e nenhuma lembrança. Esta foi a maneira encontrada pelos seus governantes para chegar a um estado de paz social. Nesse universo apenas um indivíduo é o detentor das memórias, sendo ele o responsável por não permitir que todos os outros sofram com as memórias negativas, e ainda se atribui a capacidade de orientar os dirigentes da sociedade.

Mesmo que sua sociedade seja perfeita, sem guerras, falta emoção, ou propriamente dito: o amor. A memória evoca em nós emoções coletivas e particulares, que fazem com que o mundo seja plural. As memórias formam opiniões e definem quem somos, por isso, a sua extrema relevância no que se refere a entender as ações do homem em meio a sociedade.

Sufocamos a ideia de excluir a memória da vida humana com o texto de Jacques Le Goff, pela sua importância universal para todos os que desejam se aprofundar nos estudos de história e memória: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a ali-

18 LOWRY, Lois. *O Doador de Memórias*. 2. ed., São Paulo: Arqueiro, 2014.

menta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”¹⁹.

É sabido que a memória se dá entre a ligação do passado com o presente; sendo assim, está em um meio ininterrupto de transfiguração das experiências vividas. Essa equação conjectura uma situação “dialética entre memória e identidade.”²⁴ Segundo as ideias de Thomson:

Nossa identidade (ou identidades, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossas pessoas e com nossas próprias vivências. Construímos nossa identidade no processo de contar histórias, para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasiosas – ou para outras pessoas, no convívio social.²⁰

Sendo assim, para Thomson, o ato de recordar é uma das maneiras de nos identificarmos quando contamos uma história a alguém. A narração nos possibilita um exame de nossas ações no passado, no presente, e também nas nossas ações futuras, pois o que citamos como recordações não exprimem exatamente o que vivemos no passado, mas sim aquilo que nos identificamos no presente e nossos desejos futuros. Então, nossa identidade talha nossas lembranças, afetados pelo que consideramos ser e pelo que almejamos ser, moldamos nossas memórias. Elaborando identidades de um passado e um presente.

Parece-nos que Pierre Nora está de acordo com Thomson no que se refere à tensão dialética entre História e memória, pois

19 LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p. 477.

20 THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, v. 15, abril de 1997, p. 57.

acrescenta a discussão que as duas sequer passam perto de serem sinônimos, e que na verdade, em tudo uma se opõe a outra.

Pois, por memória entende-se:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.²¹

A história em oposição, seria:

A reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante demanda análise e discurso crítico.²²

Podemos reiterar que o que se busca inferir aqui é como os fatos foram narrados. Adverte-se sumariamente. O cerne não é a veracidade das narrativas. É como os contos são contados e recontados, pois:

Um mito não é uma história falsa ou inventada; é isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transforman-

21 *Ibid.*, p. 57.

22 NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. In: *Projeto de História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP:EDUC, Nn. 10, 1993, p. 09.

do-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura²³.

O conto da botija, ou qualquer outra história que venha a ser citada neste trabalho foi aqui contado e recontado a partir de vários prismas e em diferentes momentos. Em muitas dessas histórias vamos notar a finalidade de preservar certas memórias sobre os casos. E também considerar os esquecimentos sobre determinados detalhes do passado vivido.

Buscamos, a partir das memórias dos entrevistados, perceber como eles se sentiam perante o seu tempo e entender como a cidade se articulava no período em estudo. Sendo os entrevistados homens do seu tempo, suas memórias retratariam as suas vivências com a cidade, formulando parcialmente o passado.

Em *Sociedade e Memória: lembranças de velhos* (1994) Ecléa Bosi dissecou a memória como o ato de lembrar:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito.²⁴

Entende-se então, a memória como algo contínuo e em constante mutação, sendo que nossas lembranças do passado não podem ser sempre as mesmas, porque sempre estamos mudando, alterando nossas concepções e, assim, contribuindo para as modificações em nossas memórias. Desse modo, o presente atua fortemente sobre nossa percepção sobre o passado.

23 *Ibid.*, p. 09.

24 PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella in Val di Chianna. In: *Usos e Abusos da História Oral*. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 120-121.

Percebemos pela fala dos entrevistados que a grande brincadeira de contar histórias de terror e assombrações era algo que divertia as noites. Muitas vezes iluminados pela luz da lua ou por alguma fogueira, conversavam sobre os vultos que viam pela mata, mas também se nota a importância da chegada da energia elétrica na cidade em 1969, pois assim teriam mais opções de lazer. Então, o ato de narrar histórias parecia ficar latente e, aos poucos, foi suprimido por novas práticas cotidianas, inseridas a partir da modernização da cidade. O que causaria também um impacto na memória dos que viveram tal processo.

Tomamos a temporalidade como um campo dimensional em que o homem atua por meios de suas atividades culturais. Através da historicidade concebemos tais feitos dessa atuação como narrativas históricas. Aproximamo-nos do real a partir das fontes, sejam escritas, orais, ou outras formas de experiência.

O modo em que esses homens vivem é o nosso objeto de estudo. Entender o acervo mitológico ao redor das histórias de assombrações disposto em Camocim, como representações de um cotidiano de trocas entre elementos modernos na cidade, é evidenciar seus sentimentos, suas preocupações, seus anseios, através de histórias narradas do mais velho para o mais jovem. Histórias com elementos míticos, contudo incrustadas no mundo real.

Benjamin aponta:

O historiador ao deparar-se com o narrador, deve procurar encaminhar a discussão no sentido de tomar as interpretações sugeridas nas falas, de acordo com as experiências de cada depoente.²⁵

Ouvindo os entrevistados, podemos nos destinar a organizar a encenação dramática para identificar os percursos dos sujeitos

25 BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 3 ed. 1987, p. 197.

sociais dentro das histórias narradas, viabilizando a adição de histórias míticas a herança das representações historicamente e culturalmente construídas.

Sendo a narração um meio de compartilhar experiências e, ainda no sentido do entendimento de memória, é propício executarmos alguns pressupostos do ato de narrar na concepção de Walter Benjamin.

No ensaio “Experiência e Pobreza”³¹, Benjamin nos aponta uma questão da perda da experiência, na qual os mais velhos seriam os detentores dos ensinamentos. Contudo, tal ação estaria em baixa a partir dos frutos da modernidade, segundo ele, as guerras e o desenvolvimento tecnológico muito contribuíram para que a experiência não fosse mais tão levada em consideração, a de se pensar que essas provocações feitas ainda em 1933 são válidas para o cotidiano atual, podemos observar a massificação da tecnologia e seu processo alienante.

Mas quais seriam os problemas dessa perda da experiência? Ora, se a experiência estaria nos ligando ao passado e as construções da história, estaríamos cada vez mais nos afastando da nossa humanidade e chegando a um estado de “barbárie”²⁶.

Em “O Narrador”, a discussão é retomada desenrolando-se ao passo que Benjamin aponta alguns tópicos para explicar sua hipótese de que narrar está em esquecimento, pois segundo ele, as experiências também passaram a não ter mais importância, e se decreta o fim do ato de contar.

O primeiro ponto causador do enfraquecimento da narração oral seriam os romances, enunciados em livros, que seriam fruto de uma criação solitária, o que os distingue especialmente da narração oral, que está atrelada ao narrador e ao ouvinte por meio de suas experiências.

26 *Ibid.*, p. 114.

Outro aspecto é a popularização da informação, que vinha carregada por fatos explicativos, o que também se dissocia da narração, que tem seu mérito em permitir ao leitor inferir os significados por trás das palavras.

É sabido que, sem os ensinamentos da tradição advinda das experiências de todos os sujeitos sociais aqui mencionados, seria impossível conceber esta pesquisa. Seria ainda mais árduo conseguir propor alguma discussão se não tivéssemos acesso às narrações desses sujeitos. Em razão disto é que concordamos com a concepção de que:

Assim definindo, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. Daí a atmosfera incomparável que circunda o narrador, em Leskov como eu Hauff, em Poe como Stevenson. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.²⁷

Todas as palavras ouvidas, todas as histórias narradas pelos entrevistados e pelos recortes de memórias escritas configuram as experiências de muitas vidas. São reminiscências de momentos do passado que nos auxiliam a montar o quebra-cabeça da nossa própria existência, colaborando não só para entendermos o cenário social e cultural de Camocim em tal período, mas também para a compreensão da mentalidade dos homens do recorte em análise.

27 BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 3ed. 1987, P. 115.

A Tradição Oral e a Etnografia: Possibilidades de Pesquisa

Nas reflexões de Regina Ilka sobre as experiências do sertanejo cearense com assombrações, a autora nos conduz para o entendimento de que as histórias assombradas contadas pelos sertanejos se encaixam dentro de suas táticas de sobrevivência no semiárido, revelando formas de adaptações deste povo ao lugar em que vivem. A autora delimita o seu estudo dentro da microrregião de Sobral, compreendendo a área designada como sertão e, a partir disso, observa como essas histórias se encaixam dentro de uma realidade que difere desta pesquisa, pois situamos nosso foco numa cidade do Litoral Oeste do Estado. Contudo, são possíveis algumas aproximações, principalmente no que se refere ao caminhar metodológico da pesquisa.

Pois não buscamos nesta pesquisa figuras que estão isolados das relações pessoais, ou que não tem contato com pessoas que vivem em centros urbanos mais desenvolvidos. Busca-se decodificar como essas pessoas exercem em seu cotidiano aspectos presentes nas narrativas estudadas. Observando ainda as proposições de Regina Ilka, compactuo com a ideia de que devemos estar:

Com uma preocupação voltada para a tentativa de interpretação de diversidades, mas que não resvale em regionalismos abstratos, cabe buscar uma possível pluralidade de relacionamentos entre o rural e o urbano que, no âmbito dessa pesquisa, diz respeito aos diferentes lugares onde se produzem registros das histórias de assombração: a tradição oral dos sertanejos, os estudos de folclore, os romances, a literatura de cordel, a imprensa.²⁸

Observando a literatura no caso do cordel, podemos ter uma grande fonte de pesquisa na área tendo em vista esta forma literária

28 VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Oralidade e Tradição na Caatinga: Experiências do sertanejo cearense com assombrações. *Projeto de História*. São Paulo, 2001, p. 07.

sempre representar a vida do sertanejo que está diretamente ligada com os saberes e culturas desse povo, incluindo aí as histórias sobre os variados seres. No cordel, se contam histórias sobre monstros, pois esse tema traz uma fantasia que prende os leitores, sendo assim um tema recorrente. Algumas das histórias mais tradicionais encontradas no cordel são “Juvenal e o Dragão, João Acaba-Mundo e a Serpente Negra, e O Príncipe Oscar e a Rainha das Águas”²⁹.

O contato direto com as fontes orais nos leva a reflexão sobre as crenças da vida cotidiana, costumes como perguntar “Que horas são?”, ou “Em que dia estamos?”, são ideias comuns, coisas óbvias que não problematizamos. Nunca nos perguntamos por que acreditamos no passar do tempo em 24 horas diárias, ou por que nosso calendário possui entre 28 e 31 dias por mês, pois são convenções sociais postuladas muito antes de nascermos, que acabam se tornando coisas tão naturais para nós quanto a existência do sol, da lua, do dia ou da noite, mas que, no entanto, são convenções construídas culturalmente.

Pensar sobre “Que horas são?” ou “Em que dia estamos?”, pode seguir a mesma linha de crenças costumeiras quanto afirmar que uma criança está com quebranto. Ora, quando uma mãe leva uma criança a uma curandeira para que a trate contra o quebranto, nem a mãe e nem a curandeira se questionam sobre a existência ou não do que seria o fruto do mau olhado; a curandeira apenas produz ações para que se quebre o encantamento.

Pois, a cultura de que o quebranto existe é suficientemente forte (assim como a cultura em torno das ações mais simples do nosso cotidiano) para que apenas se visse o seu tratamento e não se ponha em cheque a sua validade científica. O mesmo se adequa ao ato de mensurarmos os nossos meses entre 28 e 31 dias. Já sa-

29 ROMANELLI, Cristina. Qual é o bicho? *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 77, p. 16–22, fevereiro. 2012, p. 21.

bemos que eles são assim e, por isso, não os questionamos, apenas seguimos o calendário, e assim os encantamentos também criam as suas próprias agendas, que são os fatores que fazem alguém perceber o quebranto em outra.

Em *O Martelo das Feiticeiras*³⁰, escrito em 1487 pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, uma obra com o intuito de servir como uma guia para identificar, capturar e punir bruxas, podemos encontrar uma referência à possibilidade da execução do mal olhado que denominamos aqui como quebranto quando designado especialmente a crianças. Ao analisarem sobre as bruxas e demônios poderem ou não realizar tais atos, expõem um argumento que comprova isso através das Sagradas Escrituras, mais precisamente no terceiro capítulo da epístola de São Paulo aos Gálatas, cita: “E a glosa sobre essa passagem refere-se àqueles cujos olhos singularmente faiscantes e malignos conseguem, pelo mero olhar, causar o mal a outras criaturas, especialmente crianças pequenas”³¹.

Observando esse fato podemos ao menos postular como análise que a temporalidade tenha reconfigurado essa a narrativa, são assim residualidades, tendo em vista que podemos encontrar semelhanças nos casos citados. E por isso se faz importante à pesquisa junto à oralidade dos entrevistados e junto aos teóricos, para abrir caminhos possíveis de estudo, traçando paralelos.

Pois quando se percebe aspectos da Alemanha no século XV, pela visão de padres inquisidores e notamos tais aspectos se repetindo no Ceará no século XX e XXI, entendemos que esses podem ser resíduos presentes no cotidiano, como podem ser vistos no estudo de Maria Darlene Vasconcelos, sobre as benzedeadas de Marco-CE.

30 Utilizamos a edição: KRAMER, Herinrich; SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. 1. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

31 *Ibid.*, p. 71-72.

É sabido que o Brasil é muito rico culturalmente, tanto pelas suas proporções continentais quanto pela mistura de povos na formação do país, o que faz com que misticismo e sagrado se choquem e se adaptem às mesmas realidades, no qual o exemplo das benzedeadas é de fundamental importância, pois praticam atos que na maioria das vezes não são conferidos pela medicina das clínicas e laboratórios, mas que são aceitos e considerados legítimos pelas pessoas que usufruem deles.

Elas ‘benzem’ doenças, enfermidades, machucaduras, cobreiros, picada de insetos e cobras, quebranto, mau jeito, torcicolo, espinhela caída [...]. Tudo pode ser curado com um elemento fundamental – e por isso mesmo o mais importante – a fé precisa estar presente em cada pessoa para que o resultado final seja satisfatório³².

Sendo assim, é possível dialogar com o passado de maneira a suscitar indagações no presente e, ainda, estabelecer a complexidade das práticas sociais que podem ser encontradas em tempos distintos e em lugares totalmente opostos. Na Alemanha do século XV, mulheres foram acusadas de bruxaria porque “pelo mero olhar” poderiam “causar o mal a outras criaturas, especialmente crianças pequenas”; já na cidade de Marco, no Ceará, no século XXI, homens e mulheres benzedores relatam suas experiências sobre quebrar estes encantamentos: “Uma das doenças que as pessoas mais recorrem é o olhado ou olhos maus, conhecido também por quebranto. Dois dos benzedores entrevistados rezam para quebranto. Segundo a crença, essa doença pode levar a morte”³³.

32 VASCONCELOS, Maria Darlene. As benzedeadas: um ato de fé. Marco-CE. In: SILVA JUNIOR, Agenor Soares (Org.) *Histórias do Ceará: experiências de pesquisas dos alunos e professores do PARFOR/UVA*. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. 2013, p. 163-178, p. 168.

33 *Ibid.*, p. 174.

O que endossa a ideia de que estamos cercados por residua-
lidades medievais, que estão ligadas a muitas regiões da Europa,
mas que consideramos parte da cultura portuguesa, por chegarem
até nós pelo nosso processo de colonização.

Acreditamos, por isto, que aplicando a pesquisa à utilização
do estudo etnográfico pode-se obter outra visão sobre o assunto,
abrem-se horizontes e as relações dos depoimentos com a pes-
quisa podem tomar novos nortes. Observando assim as contri-
buições que a etnografia pode suscitar dentro da pesquisa. Desde
Lévi-Strauss, Clifford Geertz, até James Clifford se têm vários en-
tendimentos de como a etnografia pode ser encarada.

Dentro de um discurso disciplinar a etnografia representa “a
observação e a análise de grupos humanos considerados em sua
particularidade [...] e visando a sua reconstituição, tão fiel quanto
possível à vida de cada um deles”³⁴. Todavia, outros autores concei-
tuam a etnografia como algo além da reconstituição ao máximo
fiel possível de determinados grupos, e também questionam o que
significa “praticar a etnografia”. Como Clifford Geertz, ao justificar
que os praticantes da antropologia social estão, na verdade, fazendo
etnografia, e que ao se entender o que é a prática da etnografia é que
se pode entender a antropologia como forma de conhecimento.

Já James Clifford, elabora um entendimento sobre os processos
de construção dos textos etnográficos, observando suas circuns-
tâncias históricas e culturais específicas. Entendendo a etnografia
não como apenas textos, mas como um sistema de relações pauta-
das nas vivências dos sujeitos sociais envolvidos.

Observando a etnografia como fonte de conhecimento, situa-
mos aqui a experiência etnográfica de Carlo Ginzburg:

34 CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Or-
ganização José Reginaldo Santos Gonçalves. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. (Lévi-
Strauss, 1973, p. 14 apud CLIFFORD, 2008, p. 9).

[...] sobre a complexa tradição das práticas de adivinhação. Sua pesquisa abrange desde as primeiras interpretações feitas por caçadores a partir dos rastros dos animais, passando pelas formas mesopotâmicas de predição, pelo deciframento de sintomas na medicina hipocrática, pela atenção aos detalhes na identificação de falsificação no mundo da arte, até Freud, Sherlock Holmes e Proust.³⁵

Todas essas formas de adivinhação trazem situações específicas que se significam por palpites, constatados por indícios vistos em ações corriqueiras.

Ginzburg propõe:

[...] em seu modelo de ‘conhecimento conjectural’ como um modo disciplinado de compreensão, não-generalizante e abduutivo, que é de importância central para as ciências culturais, embora isso não seja reconhecido. Esse modelo pode se somar a um estoque de recursos que na verdade é bem modesto, e que serve para entender com mais precisão como alguém se sente ao penetrar numa situação etnográfica não-familiar.³⁶

Aliando-se ao método da micro-história abordada em *O Queijo e Os Vermes* (2006) de Carlo Ginzburg, que visa o cotidiano, no qual podemos traçar paralelos entre o comum e o extraordinário através da reconstituição dos passos de pessoas comuns. Nesse contexto, se pode compreender suas formas de viver em determinado momento. Essa aproximação dos indivíduos permite estudar simbologias e sensibilidades que seus discursos apresentam e é um exercício de buscar as concepções sociais em seus momentos de criação ou execução dentro de determinados grupos.

35 *Ibid.*, p. 36.

36 CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Organização José Reginaldo Santos Gonçalves. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 36.

E ainda de acordo com as intenções da etnografia, é necessário que se perceba que:

[...] nem a experiência nem a atividade interpretativa do pesquisador científico podem ser consideradas inocentes. Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita, mas sim com uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois – e muitas vezes mais – sujeitos conscientes e politicamente significativos.³⁷

A etnografia não percebe os campos de estudo como realidades alternativas em que se vive de forma completamente alheia a um “mundo exterior”, muito menos baseia as suas interpretações neste foco. Entende que as realidades que se vivem partem de relações estabelecidas entre vários sujeitos conscientes do seu papel dentro de determinadas organizações que fazem sentido dentro do modo de vida que se tem.

Cidade e Cotidiano: O homem moderno e o mundo maravilhoso

Nos contos, é possível perceber os discursos de seus personagens, que são as pessoas que constituem a população da época na narrativa. Seriam então estes espaços em que se apresentam tensões do seu cotidiano. Narrativas que invertem a realidade social e que, por meio de milagres, garantem sempre um “final feliz” a personagens que tiveram uma vida repleta de infortúnios.

Podemos perceber esta característica a partir do estudo estruturalista de Propp, ao perceber, dentro das histórias, quadros de “funções” atribuídas aos personagens, entende-se função, neste

³⁷ *Ibid.*, p. 41.

caso, como “a ação de um personagem, definida do ponto de vista de sua significação no desenrolar da intriga”³⁸. Assim, a personagem, a partir da sua função na história, pode narrar um quadro da realidade social experimentada. Dando uma visão sobre o cenário em que narra a história.

Para Certeau, essa característica dos contos são táticas que se configuram por “feitos, as astúcias e ‘figuras’ de estilo, as aliterações, inversões e trocadilhos”. E funcionam como intervenções ao sistema social que mantém uma ordem estabelecida, pautada na razão científica. Tornando as necessidades do povo (vistas nos contos), como parte da literatura, alocando-as em “zonas literárias” constituindo, assim, parte da memória de determinada cultura.³⁹

Tão viva, tão perspicaz, quando os reconhece no contista e no camelô, um ouvido de camponês de operário sabe detectar numa maneira de tratar a linguagem recebida. Sua apreciação engraçada ou artística refere-se também a uma arte de viver no campo do outro.⁴⁰

Na passagem de *A Invenção do Cotidiano* (1998), Michel de Certeau, esboça como se dão alguns modelos de práticas e, ao pautar as referentes a jogos, contos e artes de dizer, cita que tais modos de vida não podem ser vistos apenas em uma descrição; ao pensá-los, devemos entender que as “maneiras de fazer”⁴¹ correspondem a um jogo e assim se explicam dentro das regras do cotidiano. Por isso é necessário se perceber o objeto de pesquisa como um todo e, depois, partir para análises específicas. Portanto, os contos aqui analisados podem, sim, registrar a vida na cidade de Camocim, a partir das vivências de seus personagens.

38 CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. (1928, p. 31 apud CERTEAU, 1998, p. 80).

39 *Ibid.*, p. 80.

40 *Ibid.*, p. 81.

41 *Ibid.*, p. 78.

Antes que se possa desenrolar as narrativas estudadas é necessário percorrer um pouco do trajeto histórico de Camocim até a década de 1950, para que possamos mostrar como a cidade vivia em tal época.

Camocim é uma cidade que se ergueu apoiada pelo mar, na estrutura do porto, e pela ferrovia, tendo em vista que seu desenvolvimento se dá claramente pela necessidade da utilização destes dois fatores por regiões de maior desenvolvimento econômico no Ceará do final do século XIX. Tanto que, em apenas dois anos após o início da preparação para a construção da estrada de ferro, o povoado se torna município (1877-1879). Sendo que o porto e a ferrovia estavam intimamente ligados, sendo o porto a condição essencial para a implantação da ferrovia.

[...] é com a chegada dos primeiros emigrantes vindos de Tutóia, Maranhão, ao final do século XVIII, que o porto começa a ser explorado economicamente. Com a chegada da ferrovia em 1877, o processo de emancipação do até então povoado é desencadeado, culminando com a criação do município em 1879.⁴²

Segundo Araújo⁴³, a partir de 24 de julho de 1878, inicia-se a preparação para a construção da Estrada de Ferro e, em 15 de julho de 1881 é inaugurado o primeiro trecho que percorria pouco mais de vinte quilômetros indo de Camocim a Granja.

A partir de 1881, com a implantação da Estrada de Ferro, Camocim se torna parte de uma zona de interesse econômico relacionado a Sobral, que se mantinha como escoadora da produção pecuária e algodoeira mais à frente. Dessa forma, também “o Por-

42 SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1920-1970*. 2008. 257 f. Tese (doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008, p. 21.

43 ARAÚJO, F. Sadoc de. *Cronologia Sobralense – Séculos XVII e XVIII – 1841-1880*. 2.ed. Fortaleza: Edições ECOA, 2015.

to de Camocim ganhava movimentação, pois era o ponto privilegiado de embarque de produtos da região de Granja⁴⁴. Segundo o governador Bernardo Manuel de Vasconcelos, a Villa de Granja possuía grande comércio de charque e algodão.

O desenvolvimento adquirido a partir do porto e da ferrovia é a base para que Camocim abrigue um considerável número de habitantes nas primeiras décadas do século XX. Em 1920, a cidade contava com 17.271 habitantes, sendo a 28ª cidade mais populosa do estado, em comparação com Sobral que à época tinha 39.033 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa. Fortaleza, como capital, detinham 78.536 moradores em primeiro lugar.

Já entre 1920 e 1950, este quadro se altera, pois entre 1940 e 1950, a população da sede de Camocim decresce de 13.321 para 13.235, e a população dos distritos cresce de 14.320 para 20.923. O que pode significar uma alteração na economia da cidade, pois em 1950 começa-se a registrar um declínio das atividades do porto e da ferrovia.⁴⁵

Notamos isto a partir de:

[...] sinais de declínio com o assoreamento do acesso à enseada no final da década de 50, iniciando o processo de desativação do mesmo para embarcações de maior calado; o escoamento da produção e o abastecimento passam a ser realizados preferencialmente por via rodoviária. Inicia-se um processo de estagnação no desenvolvimento do município, culminando com a desativação do ramal ferroviário Camocim-Fortaleza em 1977.⁴⁶

44 *Ibid.*, p. 94. (SANTOS, 2008).

45 Informações adquiridas em SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1920-1970*. 2008. 257 f. Tese (doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Que foram colhidas no Almanaque do Ceará 1922, p. 335.

46 *Ibid.*, p. 78. (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Camocim. Documento Básico. Camocim-CE, 1998, capítulo 1, p. 4 apud SANTOS, 2008, p. 78).

Com tal declínio destas atividades, a população que vivia nos distritos tende a aumentar pela utilização dos produtos do campo como forma de sobrevivência, com tais produtos poderiam assim servir de alimento e ainda serviriam para o comércio; já para os moradores da sede surgem outros meios para suprir a carência econômica do município como o desenvolvimento da pesca:

[...] o ‘boom’ da pesca, como forte concentração na pesca da lagosta. No Ceará, as atividades de pescarias marinhas com características industriais datam do final da década de 1950.⁴⁷

Mas além do processo de assoreamento de acesso ao porto, o ramal Fortaleza- Camocim antes mesmo de 1950 já vinha também em declínio de suas atividades, pois havia a ferrovia direta de Sobral a Fortaleza, que também se ligava aos estados do Piauí e ao Maranhão. Um dos fatos que atesta isto é que, em janeiro de 1950, em torno de mil pessoas, incluindo trabalhadores da Estrada de Ferro e parte da população da cidade, protestaram em frente à Estação impedindo a saída do trem, pois entendiam que aquele trem poderia ser um dos últimos a partir. Mesmo com a manifestação, pouco tempo, depois a Estação começou a ser desativada. Funcionários foram remanejados, o maquinário começou a quebrar e não era mais substituído.

E assim:

Finalmente, o dia 24 de agosto de 1977 marcou a morte definitiva do ramal. O movimento cívico de 1950 não pôde se repetir e a bravura de outrora do povo camocinense se resumiu em acorrer à Estação para se despedir do último trem e manifestar seu descontentamento com alguns poucos cartazes para serem mostrados pela televisão.⁴⁸

47 *Ibid.*, p. 79.

48 *Ibid.*, p. 129.

O que muito prejudicou a economia de Camocim e das cidades antes beneficiadas pelo ramal como Granja, Martinópolis, Uruoca, Senador Sá, e Massapê. A indústria salineira de Camocim também sofreu com o aumento do preço do frete, o que fez com que empresas fossem desativadas e trabalhadores perdessem seus empregos.

É nesse contexto de homens que tiveram contato com a modernidade iniciada no fim do século XIX e, com as ideias republicanas, que observo como símbolo maior no interior do estado do Ceará, as estações ferroviárias. Segundo José Carlos Junior, em um texto chamado de “Carta à Padaria”, refere-se aos trens e a modernidade como “Não há pior desgraça para uma pequena cidade do interior do que chegar-lhe o caminho de ferro as portas”⁴⁹, perdem seu elemento característico da modernidade de outrora.

Curiosamente, a eletricidade só chega definitivamente à cidade quando a ela está a perder um dos seus primeiros elementos símbolos da modernidade (a ferrovia), pois é em 25 de dezembro de 1969 que a energia elétrica fornecida pelas turbinas da Cachoeira de Paulo Afonso na Bahia chega a Camocim.⁵⁰

Antes disso, a energia que era fornecida de 1925 até o final dos anos 1960 era gerada por dois motores a óleo diesel, que estavam instalados na esquina das ruas General Tibúrcio com a 24 de maio, a energia era fornecida no horário de 18 às 23 horas.⁵¹

Nesse período, as pessoas ainda vivem muito ligadas à agricultura, pois podemos notar, pelos dados apontados que, em 1950, que a maior parte da população de Camocim vive nos distritos, onde se vive basicamente do trabalho com a terra e com os animais.

49 CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. (1895, p. 04 apud CARDOSO, 2006, p. 26).

50 Livro de Tombo da Paróquia do Bom Jesus dos Navegantes / 1962-1989, p. 15.

51 Companhia de Luz e Força de Camocim – CFLC, Usina da Família CELA. A Imprensa, anno 1, nº 49, 9 de novembro de 1825.

E é justamente a luz da lua ou no claro da fogueira que as visagens e assombrações tomam forma, ganham corpo e poderes, causam arrepios, e pesadelos na hora de dormir, mas também apresentam significações do mundo em que se vive, destacando as utopias e distopias do homem do campo, evidenciando o seu imaginário. Os contos podem ser a cola para unir recortes do passado e apresentar os modos de vida em tempos passados.

Então, se entendermos a memória como Michel de Certeau o faz, poderemos perceber que ele a conceitua de forma presente no cotidiano como:

Os objetos também e as palavras são ocos. Aí dorme um passado, como nos gestos cotidianos de caminhar, comer, deitar-se, onde dormitam revoluções antigas. A lembrança é somente um príncipe encantado de passagem, que desperta, um momento, a bela adormecida no bosque de nossas histórias sem palavras.⁵²

Partindo destes pressupostos e percebendo a fala dos entrevistados, podemos conceber perspectivas sobre a cidade, pois quando perguntamos a Mariana José da Silva Araújo⁵³, sobre como era à localidade em que nasceu, ela relata “Era um interiorzinho [...] tudo mato”, referindo-se a localidade de Jacarandá, situada fora da sede do município. Mariana cita ainda que o contato com os poucos vizinhos era mínimo, pois moravam sempre muito longe e que, na maioria das vezes, o que havia para passar o tempo era o trabalho na roça e “cuidar de casa”, pois ainda não havia acesso à

52 CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 189.

53 Mariana José da Silva tem 58 anos de idade, nasceu e se criou na zona rural de Camocim, agricultora, tendo vivido até os 14 anos na zona rural da cidade, depois migrou para o município de Granja. Com o passar do tempo, circulou entre Granja e Camocim, até nos anos 1980 mudar-se para Porto Velho, Rondônia. Regressou a Camocim em 1996, onde permanece até os dias atuais. Entrevista realizada em 16 dez. 2016, com Mariana José da Silva Araújo, na casa da própria entrevistada em Camocim-CE.

eletricidade e faltava-lhe também água encanada que era suprida pela “água de cacimba”.

Descrevendo assim um cenário rural distante do centro econômico e social da cidade, (vivido entre os anos de 1960 até 1974, quando migra da região para o município de Granja), em que até mesmo o contato com os vizinhos era difícil e que, sem acesso à eletricidade, poderia oportunizar a utilização da TV ou do rádio, o que havia para ser feito era a lida na roça e os afazeres domésticos.

E, como subterfúgio das atividades diárias, a contação de histórias de assombração ou de terror eram apropriadas ao cotidiano. Mariana, ao responder como as crianças estavam envolvidas nesses momentos de contar histórias, expõe “[...] eu também era criança nesse tempo, mas gostava de ouvir as histórias, que eu achava muito bonito”. E assim começa a narrar ambientes da vida cotidiano no interior que, hora ou outra, eram tomados por assombrações, como no recorte das entrevistas, “Eu sei... eu vi um lobisomem entrando pra dentro do forno da casa de farinhada, queria pegar a gente lá na farinhada, que nós trabalhava”.

A experiência da observação e do trabalho nas farinhadas, para além de prover o alimento para o resto do ano, significava como um lugar de discussão e de vivência de um cotidiano rico pelos fazeres e práticas de um povo. No caso em questão, pode-se perceber a execução das lendas lado a lado dos sujeitos históricos.

Ao ser questionada sobre o lobisomem que aparecera na farinhada, a entrevistada cita que ele vinha comer os restos da farinhada, e que seus irmãos estavam armando um plano para pegá-lo, já que os interessava descobrir sua identidade:

Os meus irmãos disseram “vamos pegar o lobisomem hoje, vamos pegar, encanteirar o lobisomem, pra pegar ele. Diziam que o lobisomem era uma mu-

lher, aí eles queriam descobrir se era de verdade mesmo. Aí abriram o forno e, quando foi meia noite, o lobisomem chegou, todos ficaram com muito medo, mas foi e o lobisomem entrou no forno, aí eles pegaram e fecharam o buraco do forno, quando foi de manhã tava desvirada numa mulher, abriram o forno e ela foi embora, nua, pelada do jeito que nasceu.

Mariana lembra-se bem pouco de outros detalhes como, por exemplo, quais de seus irmãos participaram efetivamente deste cerco, ou sobre quem seria a tal mulher lobisomem. Mas o que nunca se apagou de sua memória foi o lobisomem que visitou em uma das primeiras farinhadas que participou.

Analisando também memórias escritas por Inácio Santos⁵⁴, que foram dispostas inicialmente no periódico *O Literário* (1998) e, posteriormente, compiladas na obra *Flamengas e Boqueirões Escritos em Verso e Prosa* (2008), podemos nos situar na sede de Camocim, entre os anos finais da década de 1960 ao início dos anos 1970. No período, o escritor faz referência ao antigo cemitério da cidade, palco de muitas danações e pequenas aventuras vividas por ele e amigos de infância, que também serão discutidas posteriormente nesta pesquisa:

Ainda quando a cidade terminava antes do final da Rua 03 de Outubro [...], eis que incrustado entre as ruas Paissandu e Alcindo Rocha, ali estava ele. Vou chamá-lo como o conheci e como todos o chamavam: Cemitério Velho. Velho mesmo. Não sei a data de sua inauguração, mas já naquele tempo era o Cemitério Velho, até mesmo porque há muito estava

54 Inácio Santos nasceu em 1961, e viveu até seus 18 anos de idade em Camocim, morou um tempo fora. Já foi radialista na Rádio União – AM e trabalha na Rádio Liberdade FM desde 2015. Escreveu o livro de memórias *Flamengas e Boqueirões Escritos em Verso e Prosa* (2008), também teve registros de seu cotidiano dispostos no periódico *O Literário* (2002), periódico camocinense era organizado pelo *Grêmio Literário Ivan Pereira de Carvalho*.

desativado, pois já se encontrava o atual cemitério em plena atividade.⁵⁵

Inácio Santos, ao discorrer sobre memórias e danações de sua infância, nos insere num ambiente de uma Camocim de outro tempo, uma cidade que “terminava antes do final da Rua 03 de Outubro”, mas que atualmente possui proporções mais significativas, a cidade cresceu e o cemitério deu lugar a Praça Sinhá Trévia, mais conhecida como Praça da Rodoviária. A expansão da cidade com a demanda por mais áreas urbanas para serem habitadas, fez com que o cemitério tivesse de ser demolido, também por questões de saúde pública, pois, nesse momento, o centro da cidade já estava crescendo ao entorno do cemitério.

Cemitério este que, no período, era um celeiro para a criação de histórias de assombração, assim como para a pregação de sustos. Continuando a descrição de suas memórias sobre o Cemitério Velho, Inácio cita que pregava muitos sustos as pessoas que passavam pela calçada do cemitério:

[...] até pregarmos sustos às pessoas, visto que, naquele tempo, o lugar era ermo e para ali passar tinha que ser por uma espécie de trilha, obrigando as pessoas a andar por cima da calçada do cemitério, o qual tinha o muro relativamente baixo, deixando à mostra uma boa visão de seu anterior. Era nesses instantes que nós nos escondíamos e quando os menos avisados por ali vinham, principalmente mulheres, nossas vítimas preferidas, saíamos de chofre, soltando terríveis berros e gritos, ou jogando areia por sobre em cima das pessoas que, por estarem a andar na calçada de um cemitério (embora desativado) tinham motivos de sobra para se sentirem apreensivas. As carreiras e sustos destas era o nosso deleite.⁵⁶

55 SANTOS, Inácio. *Flamengas e Boqueirões* Escritos em Verso e Prosa. 1 ed. Rio de Janeiro: Gráfica Fábrica de Livros – Senai, 2008, p. 13.

56 SANTOS, Inácio. *Flamengas e Boqueirões* - Escritos em Verso e Prosa. 1 ed. Rio de Janeiro: Gráfica Fábrica de Livros – Senai, 2008, p. 14.

Brincadeiras de criança, que afetavam as bases da verdade nos adultos. Ora, se espíritos não existem não há por que ter medo de passar à frente de um cemitério. No entanto, a própria descrição do autor nos dá a entender que ele mesmo percebe certa presença do sobrenatural, ao supor que as pessoas “tinham motivos de sobra para se sentirem apreensivas”, por estarem a andar sobre a calçada de um cemitério.

CAPÍTULO 2

NOSSOS PRIMEIROS CONTOS

Se o sonho não nos ensinasse a fabricar dragões e a matar dragões, como havíamos de aprender as palavras e as letras que nos explicam que não há dragões para matar? Não se pode ensinar a arte de matar dragões porque não há dragões para matar... mas quando a nossa fantasia nos diz que eles existem, não temos outro remédio se não aprender a matá-los...

João dos Santos, O falar das letras.

Ao decorrer do século XVII, percebemos mudanças em relação ao que se pensava anteriormente no que diz respeito ao universo infantil e que começam a se estabelecer algumas distinções entre o que era ser adulto e o que seria a fase da infância. Então, o conceito de infância começa a ser discutido e elaborado. Pois, segundo Stone¹, não existia infância na Idade Média, não havia a separação do mundo dos adultos: as crianças trabalhavam, participavam de festas, ficavam doentes no mesmo cenário dos adultos. E assim,

1 STONE, Lawrence. *The Family, sex and marriage in England 1500 – 1800*. London: Pelican Books, 1979.

segundo Ariés², é a partir da criação da ideia de infância que se estabelecem particularidades referentes a este universo.

Observando as transformações necessárias para abarcar essa infância recém-surgida, desenvolvem-se novos modelos de escola e se pauta um gênero literário que abrigue este público: a literatura infantil. Sendo um recorte recente que se refere ao final do século XVII e início do XVIII, quando se publicam as primeiras obras do gênero e quando na Europa começasse a interessar pelos contos de fadas, segundo Machado³.

Segundo Nelly Novaes Coelho, “foi na França, na segunda metade do século XVII, durante a monarquia absoluta de Luis XIV, o Rei Sol, que se manifestou abertamente a preocupação com uma literatura para crianças ou jovens”⁴, o que pode nos fazer considerar a ideia de que essa literatura se definia própria para este público.

Para Coelho, temos Charles Perrault sendo um dos primeiros a publicar contos neste gênero, ainda em 1697, os Contes de Ma Mère l’Oye, ou “Contos da Mãe Gansa” (mesmo que sua autoria tenha sido conferida a Pierre Perrault D’Armancour seu filho), incluindo textos como *Chapeuzinho Vermelho*, *O Barba Azul*, *O Gato de Botas*, e outros. Além de Perrault, nos séculos XVII e XVIII, outros autores também se destacaram na publicação de contos, levando este gênero não só mais a crianças, mas também a adultos. Este é o caso dos irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm. Os textos reunidos e manipulados pelos Grimm constituem uma forma de pensamento que moldou a Literatura Infantil, estando presente até os dias atuais, mesmo com mais de dois séculos desde a sua primeira publicação em 1812,

2 ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. Ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

3 MACHADO, Ana Maria. *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

4 COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura/juvenil: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo*. 5ª Edição Barueri, São Paulo: Manole, 2010, p. 75.

sob o título de *Contos de Fadas para o Lar e as Crianças* (em alemão: *Kinder-und Hausmärchen*), seguida pelo segundo volume em 1815. Algumas das histórias mais conhecidos são *A Bela Adormecida*, *A Gata Borralheira*, *O Pequeno Polegar*, *Rapunzel*, entre tantas outras⁵.

Segundo Volobuef⁶, Jacob e Wilhelm nasceram em Hanau, hoje na região central da Alemanha, e vieram de uma família de pastores da Igreja Calvinista Reformada. Seus pais foram Philipp Wilhelm Grimm e Dorothea Grimm, que tiveram nove filhos, mas apenas seis chegaram a ser adultos. Philipp trabalhou como funcionário da Justiça e Administração do Conde de Hessen.

Dois anos após a morte do patriarca da família (1798), Jacob e Wilhelm são enviados para cursar o ensino médio em Kassel e para viverem na casa de uma de suas tias, onde se prepararam para estudar direito na Universidade de Marburg. Já na faculdade, um de seus professores, Friedrich Carl von Savigny, notou nos dois irmãos o interesse em pesquisar antigos manuscritos e documentos históricos, sendo assim colocou à disposição deles a sua biblioteca particular, aproximando-os das obras do Romantismo e das cantigas de amor medievais.

Podemos entender o interesse na cultura alemã do período medieval pelos Grimm como uma forma de buscar as raízes de sua cultura. Ora, em 1807 os franceses avançam sobre o território alemão, chegando até Kassel, que seria governada por Jérôme Bonaparte, irmão de Napoleão. Supõe-se que essas condições norteariam nos Grimm um interesse diferente do que os que res-

5 COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura/juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo*. 5ª Edição Barueri, São Paulo: Manole, 2010.

6 VOLOBUEF, Karin. Contos de fadas dos Irmãos Grimm - No bicentenário da publicação, um encontro com narrativas orais da Idade Média que moldariam a Literatura Infantil. *Carta Capital*. Rio de Janeiro, jan. 2013. Seção Educação – Carta Fundamental. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/carta-fundamental-arquivo/contos-de-fadas-dos-irmaos-grimm>. Acesso em: 28 ago. 17.

guardavam pelos textos românticos, tentaram buscar no passado medieval as referências para a situação atual da Alemanha, que em aspectos culturais estava submetida aos moldes franceses.

Há o interesse pelo período medieval nos Grimm, pela intenção de refutar a ocupação de territórios alemães por estrangeiros e na busca de retomar a identidade da nação pela base cultural de seus povos, que seria encontrado nas manifestações linguísticas com origem popular.

Sendo assim, eles desenvolveram um dicionário filológico da língua alemã, elaboraram livros sobre gramática e história da língua alemã, reuniram mitos, lendas e contos de fadas, sendo estes últimos publicados pela última vez em 1857, que resultaram em 200 contos e 10 histórias moralistas para crianças.

Histórias de ninar nos levam a lembrar de Monteiro Lobato que, em sua obra *O Sítio do Pica Pau Amarelo* (1920-1947), retratou para o público infantil diversos seres, como: a boneca de pano Emília, que ganha vida e se torna altamente sapeca; o Visconde de Sabugosa, um sabugo de milho bastante inteligente; além da Cuca, que seria uma espécie de bruxa em corpo de jacaré, o saci Pererê; negrinho de uma perna só que aprontava muito pelas florestas, e outros, que por muito tempo estiveram presentes no imaginário de muitas crianças através das aventuras que eles viviam.

Hoje os contos de fadas são tipicamente voltados para o público infantil, depois de terem passado por reformulações desde sua origem, que já foi brevemente explanada neste trabalho, mas que pode ser vista com maior ênfase no livro de Robert Darnton, *O Grande Massacre dos Gatos*⁷, nesses contos vemos como características principais: princesas e príncipes que superam bruxas e madrastas más em busca do final feliz, que na maioria das vezes é alcançado.

7 DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos*, e outros episódios da história cultural francesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

Essas histórias, assim como as fábulas, sempre nos dão uma lição ou como também podemos chamar “a moral da história”. São histórias destinadas ao público infantil, mas com um senso de moral surpreendentemente adulto, sobre valores, direitos e deveres que merecem uma análise histórica que investigue sobre como tais contos se tornaram o que são hoje para a sociedade ocidental.

Dentro deste universo fantástico dessas histórias, Bayard faz uma diferenciação do que seriam as lendas, os mitos e os contos, definição esta importante para o entendimento do assunto tratado neste trabalho, cita ele:

A palavra lenda provém do baixo latim *legenda*, que significa “o que deve ser lido”. No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires (*Voragine*); eram lidas nos refeitórios dos conventos. Com o tempo ingressaram na vida profana; essas narrações populares, baseadas em fatos históricos precisos, não tardaram a evoluir e embelezar-se. Atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma, o herói, sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma idéia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho.

O conto é uma narração maravilhosa baseada numa trama romanesca; os lugares não são determinados e os personagens não têm nenhuma precisão histórica; a narração distrai.

O mito é uma forma de lenda; mas os personagens humanos tomam-se divinos; a ação é então sobrenatural e irracional. O tempo nada mais é do que uma ficção. Na realidade, essas categorias se embarçam e os mitos são de uma infinita variedade; relacionam-se às religiões, são cosmogônicos, divinos – ou heroicos.⁸

8 BAYARD, Jean-Pierre. *História das Lendas*. Tradução Jeanne Marillier, Ridendo Castigat Mores. 2005, p. 10-11.

Ainda de acordo com Bayard, “A fábula é uma narração em verso, cujos personagens são animais dotados de qualidades humanas. As mais célebres fábulas são as de Esopo, La Fontaine e Florian”⁹, que compõem outro grupo de narrativas a serem analisadas no decorrer da pesquisa.

No Final Feliz, o Ego Triunfa: Construção narrativa do “final feliz”

Quando evocamos contos de fadas, estamos pondo em voga histórias contadas para crianças, trazendo à tona lembranças do ambiente familiar que se reproduzem em nosso imaginário, contribuindo com uma tradição sem autoria, contudo, que pode ser atribuída ao coletivo.

E ainda que os contos de fadas tenham passado por momentos de negação de suas qualidades, como aponta Ana Maria Machado, eles voltaram novamente a significar formas de conhecimento do homem:

Em seguida, em plena efervescência do momento que eu estava vivendo, foi publicado o livro que seria crucial na transformação da maneira pela qual vinham sendo considerados esses contos maravilhosos: *A psicanálise dos contos de fadas*, de Bruno Bettelheim, saído no exterior em 1976 e traduzido no Brasil no final da década. A partir daí, esses contos deixaram de ser o patinho feio da literatura e se transformaram em magnífico cisne, em condições de nadar ao lado de seus irmãos no lago artístico.¹⁰

A partir disso, propomos pôr em análise a construção do final feliz na visão de Bruno Bettelheim, para entender como histórias

9 *Ibid.*, p. 12.

10 MACHADO, Ana Maria. *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

moralistas podem contribuir para a formação das crianças e perceber como estas se inserem dentro do cotidiano de Camocim pela pesquisa com as fontes orais.

Para isso, trarei A História dos Três Porquinhos, da autoria de Joseph Jacobs¹¹ (1854-1916), na qual poderemos evidenciar uma moral da história:

ERA UMA VEZ, quando porcos faziam rimas, Macacos mascavam tabaco, Galinhas cheiravam rapé para ficarem fortes, E patos faziam quac, quac, quac, Oh! Havia uma velha porca que tinha três porquinhos, e como não tinha o bastante para sustentá-los, mandou-os partir em busca da sorte. O primeiro que se foi encontrou um homem com um feixe de palha, e disse a ele: “Por favor, homem, me dê essa palha para eu construir uma casa.” O homem assim fez, e o porquinho construiu uma casa com ela. Logo veio um lobo, e bateu à porta e disse: “Porquinho, porquinho, deixe-me entrar.” Ao que o porquinho respondeu: “Não, não, pelos fios da minha barba, aqui você não vai pisar.” A isto o lobo respondeu: “Então vou soprar, e vou bufar, e sua casa rebentará.” E assim ele soprou, e bufou, e fez a casa ir pelos ares e comeu o porquinho. O segundo porquinho encontrou um homem com um feixe de tojo e disse: “Por favor, homem, me dê esse tojo para eu construir uma casa.” O homem assim fez, e o porco construiu a sua casa. Então apareceu o lobo e disse: “Porquinho, porquinho, deixe-me entrar.” “Não, não, pelos fios da minha barba, aqui você não vai pisar.” “Então vou soprar, e vou bufar, e sua casa rebentará.” E assim ele soprou, e bufou, e bufou, e soprou e finalmente fez a casa ir pelos ares e devorou o porquinho. O terceiro porquinho encontrou um homem com um fardo de tijolos, e disse: “Por favor, homem, me dê esses tijolos para eu construir uma casa.” O homem deu-lhe

11 Joseph Jacobs foi folclorista e historiador, publicou coletâneas de fábulas e dedicou parte do seu tempo a coletar e publicar contos de fadas de origem britânica, como na publicação *English Fairy Tales* (1890), seus contos mais famosos são João e o Pé de Feijão, e A História dos Três Porquinhos.

então os tijolos e ele construiu sua casa com eles. Logo veio o lobo, como tinha feito com os outros porquinhos, e disse: “Porquinho, porquinho, deixe-me entrar.” “Não, não, pelos fios da minha barba, aqui você não vai pisar.” “Então vou soprar, e vou bufar, e sua casa rebentar.” Bem ele soprou, e bufou, e soprou e bufou, e bufou e soprou; mas não conseguiu pôr a casa abaixo. Quando descobriu que, por mais que soprasse e bufasse, não conseguiria derrubar a casa, disse: “Porquinho, sei onde há um belo campo de nabos.” “Onde?” perguntou o porquinho. “Oh, nas terras do Sr. Silva, e se estiver pronto amanhã de manhã virei buscá-lo; iremos juntos e colheremos um pouco para o jantar.” “Muito bem”, disse o porquinho, “estarei pronto. A que horas pretende ir?” “Oh, às seis horas.” Bem, o porquinho se levantou às cinco e chegou aos nabos antes de o lobo chegar (ele chegou por volta das seis). O lobo gritou: “Porquinho, está pronto?” O porquinho respondeu: “Pronto? Já fui e já voltei, e tenho uma bela panela cheia para o jantar.” O lobo ficou muito irritado, mas pensou que conseguiria pegar o porquinho de uma maneira ou de outra. Assim, disse: “Porquinho, sei onde há uma bela macieira.” “Onde?” perguntou o porquinho. “Lá no Jardim Feliz”, respondeu o lobo. “E se não me enganar virei buscá-lo amanhã, às cinco horas, para colhermos algumas maçãs.” Bem, na manhã seguinte o porquinho pulou da cama às quatro horas e foi colher as maçãs, esperando estar de volta antes que o lobo chegasse. Mas o caminho era mais longo, e ele teve de subir na árvore. Assim, bem no instante em que ia descer lá de cima, viu o lobo se aproximar, o que, como você pode supor, o deixou muito apavorado. Ao chegar, o lobo disse: “Mas como, porquinho! Chegou antes de mim? As maçãs são boas?” “São ótimas”, disse o porquinho, “vou lhe jogar uma.” Jogou-a tão longe que, enquanto o lobo foi apanhá-la, o porquinho saltou no chão e correu para casa. No dia seguinte o lobo apareceu de novo e disse ao porquinho: “Porquinho, há uma feira na aldeia esta tarde. Você vai?” “Com certeza”, disse o porco, “irei. A que horas estará pronto?” “Às três”,

disse o lobo. Assim o porquinho partiu antes da hora, como de costume, e chegou à feira, e comprou uma desnatadeira, que estava levando para casa quando viu o lobo chegando. Não sabia o que fazer. Assim, entrou na desnatadeira para se esconder e com isso a fez girar, e ela foi rolando morro abaixo com o porco dentro, o que deixou o lobo tão apavorado que ele correu para casa sem ir à feira. Logo o lobo foi à casa do porco e contou-lhe o quanto se assustara com uma coisa redonda enorme que passara por ele, descendo morro abaixo. Então o porquinho disse: “Ah, então eu o assustei. Eu tinha passado pela feira e comprado uma desnatadeira. Quando vi você, entrei nela, e rolei morro abaixo.” Desta vez o lobo ficou de fato muito zangado e declarou que iria devorar o porquinho, e que entraria pela chaminé para pegá-lo. Quando o porquinho viu o que ele ia fazer, pendurou na lareira o caldeirão cheio d’água e fez um fogo alto. No instante em que o lobo estava descendo, o porquinho destampou a panela e o lobo foi parar lá dentro. Num segundo ele tampou de novo a panela, cozinhou o lobo, comeu-o no jantar, e viveu feliz para sempre.¹²

Para Bettelheim:

“Os três porquinhos” ensinam à criança pequenina, da forma mais deliciosa e dramática, que não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se o fizermos poderemos perecer.¹³

Em um primeiro momento, temos uma explicação centrada na moralidade e nos deveres que temos a cumprir. Ou seja, planejar a vida e trabalhar para que tudo saia como o planejado, o que pode nos fazer vencer na vida – vencer até mesmo o lobo. Sendo o símbolo disso, as casas dos porquinhos:

12 BORGES, Maria Luiza X. de A. *Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros*. Zahar. Rio de Janeiro, 2010, p. 144-146.

13 BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos Contos de Fadas*. 16. ed., Paz e Terra, 2002, p. 43.

As casas que os três porquinhos constroem são simbólicas do progresso do homem na história: de uma choça desajeitada para uma casa de madeira, finalmente para uma casa de tijolos. Internamente, as ações dos porquinhos mostram o progresso da personalidade dominada pelo id para a personalidade influenciada pelo superego, mas essencialmente controlada pelo ego.

A história “Os três porquinhos”, contada na versão de Jacobs, difere em alguns pontos da versão mais popular, àquela em que os dois primeiros porquinhos que foram atacados pelo lobo, preferiam brincar ao invés de trabalharem para construir suas casas. No entanto, ela ainda nos serve para explicar alguns princípios do conto.

Simbolicamente o terceiro porquinho representa o final feliz que todos nós podemos obter se pensarmos no progresso e entendermos a nossa realidade, o que pode ser encarado como uma falsa ideia de meritocracia, que tem a intenção de dar certa instrução moral, contudo, é constante aos contos de fadas que as decisões fiquem ao nosso entendimento, em que nós mesmos podemos imaginar o que o conto está expressando, diferente das fábulas que deixam de modo bastante explícito a moral:

Só o terceiro e mais velho dos porquinhos aprendeu a viver de acordo com o princípio da realidade: ele é capaz de adiar seu desejo de brincar, e de acordo com sua habilidade de prever o que pode acontecer no futuro. É até mesmo capaz de prever corretamente o comportamento do lobo — o inimigo, ou estrangeiro de dentro, que o tenta seduzir e fazer cair na armadilha; e por conseguinte o terceiro porquinho é capaz de derrotar os poderes mais fortes e mais ferozes que ele. O lobo feroz e destrutivo vale por todos os poderes não sociais, inconscientes e devoradores, contra os quais a gente deve aprender a se proteger, e se pode derrotar através da força do próprio ego.¹⁴

14 *Ibid.*, p. 44.

Demonstrando assim como as crianças deveriam entender desde cedo que papéis elas têm e como deviam agir. Explicando que nos contos de fada a moral ou lição da história fica subjetiva as implicações feitas por cada leitor; assim a criança pode ter suas próprias conclusões, possibilitando o amadurecimento dela. No caso, se contrapõe o sentido de prazer à realidade, colocando à nossa disposição a escolha a ser feita.

Em síntese, para Bettelheim, contos de fadas com finais felizes fazem com que as crianças entendam que podem realizar seus desejos (como os personagens dos contos) e enfrentem os seus medos, assim o ego triunfa.

No exemplo dos desejos, em contraponto com a realidade e com as necessidades de amadurecimento, temos Chapeuzinho Vermelho representando uma analogia ao complexo de Édipo, pois quando ela encaminha o lobo para sua avó (que representa sua mãe), de maneira edipiana, ela liquida com sua mãe, assim Chapeuzinho Vermelho “está livre” pode ir para a cama com seu pai (o lobo), dando vazão às suas fantasias edipianas. Ela sobreviveu ao episódio de deitar-se na cama com o lobo, renascendo pelo superego, na figura do caçador, que corta a barriga do lobo (seu pai), para tirá-la de lá, vindo a viver outra fase de sua vida.

Desse modo, o seu final feliz propõe um amadurecimento.

Residualidades: A temporalidade reconfigura a narrativa

Voltando as nossas referências da Antiguidade Clássica, temos os monstros como interpostos entre os deuses e os homens, geralmente situados entre o nosso mundo e um mundo sobrenatural e que, como já foi apontado no início desta pesquisa, algumas vezes esses monstros apresentam uma deturpação biológica. O impiedoso Minotauro, oriundo da mitologia grega, é um exemplo bem

claro disso, por ser fruto de uma maldição punitiva pela cópula de uma mulher com um touro, sendo este um ser metade homem, metade animal, a fera é designada a seu labirinto, um predador à espera das presas.

O advento do cristianismo também fez uso de ingredientes da tradição clássica; associações foram feitas a figura do diabo, incorporando uma série de atributos maléficos ao ser, o que o levou até se tornar um híbrido de homem e animal, com chifres, rabo:

Muitas das descrições de Satanás apresentam-no de todas as formas, chifres, cascos e pernas de bode, olhos fumegantes derramando lava, dentes vampirescos, unhas compridas, asas de anjo ou parecidas com as de morcegos, com rabo, pés com grandes dedos e unhas, às vezes, descrito como um dragão, como serpente, outras vezes como um anjo guerreiro, um anjo exilado a ficar maldizendo a sua sorte.¹⁵

Tais considerações populares e religiosas corroboraram para uma cristalização da figura do tinioso, configurações que vem desde a Idade Média e chegam ao mundo moderno.

Tendência esta que pode ser observada no período das grandes navegações, através das indicações de que havia dragões, sereias e outros seres perigosos no além mar, além de outras monstruosidades, como as presentes no mapa de Andrea Bianco, de 1432, que mostra homens sem cabeça¹⁶. Nesse momento, os monstros se afastam da Europa e permeiam o Novo Mundo, o que viria a explicar o modo de vida “selvagem” detectado pelos europeus nos povos que viviam nas américas, por exemplo. O que chega também à fauna e à flora encontradas no Brasil no período do

15 ROCHA, Claudécir de Oliveira. *Poemas Satânicos no Brasil*. 2014. 145 f. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

16 BELMONTE, Alexandre; GARCIA, Bruno; ELIAS, Rodrigo. Mensageiros dos deuses. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 77, p. 26–27, fevereiro. 2012.

achamento, alguns dos animais que habitavam estas terras foram considerados como criaturas monstruosas, entre eles, o tatu e o gambá, animais que não eram parecidos com os conhecidos pelos europeus, o que está presente no texto de Afonso d’Escragnolle Taunay, *Zoologia Fantástica do Brasil (séculos XVI e XVII)*¹⁷.

Ou que ainda pode ser visto em *História da Província de Santa Cruz*¹⁸, de 1576, escrita por Pero de Magalhães de Gândavo, em seu capítulo IX com o título “Do monstro marinho que se matou na Capitania de Sam Vicente, anno 1564”. Pode-se perceber a descrição do monstro marinho em sua narrativa: “quinze palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas mui grandes como bigodes”.

Tal monstro bem que poderia ser um leão-marinho, por exemplo. Contudo, foi enquadrado como monstro, pois era um ser desconhecido aos olhos dos portugueses. Na mesma narrativa, o “monstro” é avistado, entra em combate com os exploradores e é morto.

Seria muita pretensão imaginar que o filósofo Thomas Hobbes (1588-1679) se utilizou de *residualidades* presentes nos *sedimentos mentais* do povo de sua época para designar o nome de uma de suas mais importantes obras? O *Leviatã*, escrito por ele e publicado em 1651, seria uma metáfora para o poder político que estava centralizado no Estado no período, que surge da inspiração no monstro Leviatã citado na Bíblia e por muitos navegadores do momento.

No entanto, nem sempre os monstros parecem exercer apenas padrões malignos, como Carlo Ginzburg cita em seu livro *Mitos, Emblemas, Sinais* (1989). Na obra, o lobisomem em uma figura xamânica do folclore húngaro, que tinha por função atribuída: “[...] culturalmente ao nascer com a coifa no folclore eslavo implica se

17 TAUNAY, Afonso d’Escragnolle. *Zoologia Fantástica do Brasil (séculos XVI e XVII)*.

18 GÂNDAVO. Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

tornar um lobisomem, que estaria destinado a viajar para o ‘fim do mar’ combater feiticeiras e feiticeiros pela fertilidade da colheita”¹⁹.

No Brasil, o lobisomem é conhecido pela seguinte lenda expressa no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2002), de Luís da Câmara Cascudo:

O lobisomem é o filho que nasceu depois de uma série de sete filhas. Aos 13 anos, numa terça ou quinta-feira, sai de noite e, topando com um lugar onde um jumento se espojou, começa o destino. Daí por diante, todas as terças e sextas-feiras, da meia-noite às duas horas, o lobisomem tem de fazer a sua corrida, visitando sete adros (cemitérios) de igrejas, sete vilas acasteladas, sete partidas do mundo, sete outeiros, sete encruzilhadas, até regressar ao mesmo espojadouro, onde readquire forma humana. [...] Quem ferir o lobisomem quebra-lhe o destino, mas que não se suje no sangue, de outro modo herdará a triste sorte.²⁰

As diferenças e semelhanças entre cada um dos folclores que se pode encontrar em todo o mundo são muitas. Nesse sentido, as duas lendas falam do mesmo ser e os distinguem a partir das funções atribuídas e suas formas de origem. Isso acontece pelas alterações e pelas formas de expressão cultural que se tem em cada local.

No campo das pesquisas orais, também foram encontradas funções ou intenções maléficas do lobisomem. Na entrevista com Raimundo Pedro e Mariana José, o monstro é citado em duas histórias distintas em que o ser ataca crianças:

Na história narrada por Mariana observamos:

Ouvi a história do lobisomem, que ele queria comer o filho da minha amiga, aí ela se levantou e pegou um

19 GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 210.

20 CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2002, p. 335.

pau e correu atrás do lobisomem, e botou ele pra correr, deu uma paulada nele e ele correu, foi embora, aí o menino se salvou. Ela disse que o lobisomem, ele era que nem um jumento, do mesmo jeito de um jumento, ele é todo cabeludo, com a cabeça para baixo.

Já Raimundo Pedro²¹ expressa a narrativa do lobisomem da seguinte maneira:

Aqui no Camocim tinha um lobisomem que aonde nascia um menino ele ia atrás de comer. Tinha um soldado aí que tinha um menino, o soldado trabalhava para fora, toda vez que chegava, a mulher dizia que o lobisomem tinha arrodado a casa todinha para comer o meninozinho. Porque se ele pegar menino novo... tudo ele come, come cachorro, bacurim, o que ele encontrar ele come. Aí o soldado pastorou ele, pra pegar ele, nunca pegou.

Ainda sobre a realização das entrevistas, percebe-se que, quando as pessoas relacionam fantasmas, almas e espíritos, sempre os tratam como pessoas que eram consideradas de índole ruim ou que haviam morrido de morte trágica. Assim como também quando se morre alguém em uma residência, as pessoas começam a denominar a casa de mal- assombrada e evitam o contato com o local.

Fazendo uma ligação desse relato com o livro *História do Medo no Ocidente* (1989), de Jean Delumeau, percebe-se semelhanças entre os casos que aqui são relatados. No livro, consta uma pesquisa produzida pelo etnólogo polonês L. Stomma, o qual na segunda metade do século XIX analisou quinhentos casos de mortos que foram transformados em fantasmas em seu país, constatou-se que, nesses casos, os mortos que se transformaram em fantasmas não haviam morrido de morte natural, logo, não estavam pron-

21 Durante a entrevista realizada com Mariana José da Silva Araújo em 16/12/2016, na sua própria casa em Camocim-CE, o senhor Raimundo Pedro de Araújo, esposo da entrevistada, nos observou atentamente e, quando lhe pareceu oportuno, entrevistou relatando o trecho citado acima.

tos para a passagem da vida para a morte (segundo as crenças de tal cultura), ou haviam morrido durante ritos de passagem (fetos mortos, casados falecidos no dia das bodas, etc...)²².

Diante disso, percebe-se, na pesquisa, a crença na transformação dos mortos em acidentes trágicos em fantasmas, o que também se vê nas entrevistas realizadas. Percebe-se isso na fala de Mariana José, ao ser perguntada sobre outras histórias que se ouviam em sua localidade:

O meu irmão vinha da casa da namorada dele, aí, quando chegou no meio do caminho, ele ouviu... o Assoviador assoviou. Aí ele foi remedou, arremedou o Assoviador, assoviou do mesmo jeito dele, e continuou andando no cavalo, e o Assoviador perseguindo ele e, de vez em quando, o Assoviador soltava um assovio, e ele dava outro, quando ele chegou em casa vinha pra morrer já, de medo, de cansado do Assoviador que estava pra pegar ele, aí quando ele chegou em casa, só fez pular dentro do alpendre. Quando ele pulou dentro do alpendre, o Assoviador pulou junto com ele e assoviando, aí ele chamou meu pai “papai abra a porta aí depressa que o Assoviador já tá pra me matar”. Papai abriu a porta e ele entrou, deixou o cavalo pra fora e entrou, o Assoviador ainda deu uns três assovios em riba da casa, aí meu pai rezou, e ele foi embora. **O Assoviador era uma tentação, que um Assoviador é uma pessoa que foi morta, aí ele perseguia as pessoas no interior, que arremedavam ele.**

Pode-se perceber a mesma crença nesta outra passagem da mesma entrevista:

Eu nunca vi, mas dizem, o povo diz, que tinha uma casa de um homem que morava sozinho, lá onde dobra pra ir pra casa do meu irmão Benedito Pedro, no caminho da

22 DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 95.

Sutera, que foi derrubava a noite quando ele dormia, uma árvore desabou e matou ele, o povo diz que o espírito dele joga areia nas pessoas que passam por lá.

Fica claro o estabelecimento do medo como fator de demarcação de espaços e condutas, o que também deixa evidente tal crença da transformação de pessoas que morreram de morte trágica em fantasmas.

Histórias do campo, entre fadas e almas: Enredos e adaptações

No livro *O Grande Massacre dos Gatos* (1986), no qual Robert Darnton em seu primeiro capítulo nos apresenta versões dos contos de fadas, como Rapunzel, Chapeuzinho-Vermelho e muitos outros, notamos que, nessas versões apresentadas por Darnton, percebe-se a raiz social que fundamentou a criação desse contos, oriundas principalmente da França que, no século XVIII, tinha seus camponeses em extrema situação de fome e pobreza e acabaram sendo representadas nos contos. Naquele momento, não eram destinados às crianças e sim ao público adulto, e incluíam temas como infortúnios vividos pelos camponeses.

E para evidenciarmos as situações em que surgiram esses contos e percebermos como eles representavam a realidade naquele momento, farei uma análise do conto La Renarde, em contraponto com uma história citada nas entrevistas e com uma definição citada no livro *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2002), de Câmara Cascudo.

Em La Renarde:

Era uma vez dois irmãos que receberam as heranças que o pai deixara para eles. O mais velho, Joseph, ficou com a fazenda. O mais novo, Baptiste, recebeu apenas um punhado de moedas; e, como tinha cinco filhos e muito pouco com que alimentá-los, caiu

na indignação. Desesperado, Baptiste implora trigo a seu irmão. Joseph lhe diz para despir seus farrapos, tomar chuva nu e rolar no celeiro. Ele pode ficar com todo o trigo que se grudar a seu corpo. Baptiste submete-se a esse exercício de amor fraterno, mas não consegue pegar alimento suficiente para manter sua família viva e então sai pela estrada. Finalmente, encontra-se com uma fada bondosa, La Renarde, que o ajuda a decifrar uma série de enigmas que conduzem a um pote de ouro enterrado e à realização do sonho de um camponês – uma casa, campos, pastagens, bosques. E seus filhos comem um pedaço de bolo todos os dias (DARNTON, 1986, p. 36).

No conto La Renarde pode-se perceber claramente como vivia a figura do camponês Baptiste que, sem conseguir sustentar a família, caiu na indignação, mas que conseguiu ter um final feliz graças à ajuda de uma fada La Renarde. A ajuda da fada é um desejo e uma manifestação de que os camponeses iriam conseguir manter-se vivos e que conseguiriam resolver seus problemas. Ao falar de terras e alimento, percebe-se que esses eram o principal desejo dos camponeses, “a realização do sonho de um camponês – uma casa, campos, pastagens, bosques.” ter onde viver e o que comer, e logo representavam isso nos seus contos.

Em *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2002), Luís da Câmara Cascudo reúne uma infinidade de termos que compõem um vocabulário e também formas de expressões populares de todo o Brasil (que são muito comuns aos entrevistados de minha pesquisa). Ao relacionar uma das histórias ouvidas na entrevista com um dos termos encontrados no livro, deparei-me com uma semelhança entre o que se conhece em Camocim como o conto da botija²³ e ao tesouro que a fada La Renarde ajudou ao camponês Baptiste a encontrar.

23 Botija: O mesmo que dinheiro enterrado. Página 77. Ver sonho, tesouro, calundu.

Para entendermos a outra narrativa que apresenta semelhanças, traremos o que Câmara Cascudo determina como Tesouro:

Dinheiro enterrado, o mesmo que botija para o sertão do Nordeste; ouro em moeda, barras de ouro ou de prata, deixadas pelos holandeses ou escondidas pelos ricos, no milenar e universal costume de evitar o furto ou o ladrão de casa que ninguém se livra. Os tesouros dados pelas almas do outro mundo dependem de condições, missas, orações, satisfações de dívidas e obediência a um certo número de regras indispensáveis: trabalhar de noite, ir sozinho, em silêncio, identificar o tesouro pelos sinais sucessivamente deparados e, se conseguir arrancar o ouro, deixar uma moeda. Jamais carregar tudo. Aconselham, quando o tesouro é defendido por inimigos infernais, fazer um sino-salmão, ou seja, o sinal de Salomão, a estrela de dois triângulos, e trabalhar dentro dela, livre das investidas de Satanás, furioso porque a alma vai salvar-se pelas missas celebradas. O tesouro é encontrado unicamente por quem o recebeu em sonhos. Mesmo que dê todas as indicações a outro companheiro, este não o verá. Se faltar alguma disposição, ou se houver um erro no processo extrativo, o tesouro transformar-se-á em carvão. Todos os sinais desaparecerão se o silêncio for interrompido, mesmo por um grito inopinado ou por oração. A primeira moeda encontrada é a que deve ficar no lugar do tesouro. Por toda a superfície da Terra os tesouros, “riquezas”, “cabedais”, estão esperando os felizes escavadores que tenham coragem e fidelidade aos tratos supraterrâneos. O cerimonial é quase o mesmo por toda parte do mundo.²⁴

Agora vejamos as semelhanças que se dão a seguir:

a. Na forma de como o tesouro era encontrado: no conto *La Renarde*, Baptiste tem que decifrar uma série de enigmas; segundo o *Dicionário do Folclore Brasileiro* para se encontrar a botija,

24 CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2002.

deve-se seguir as indicações de almas, realizar orações, missas e obediência a certas regras; o mesmo que foi ouvido na entrevista com Mariana José da Silva Araújo:

Para achar a botija, tem que ir caladinho, não pode dar nem um pio, porque se não, não encontra mais nada, e tem que cavar onde o espírito mandar, ah e também tem que ir sozinho, só com Deus.

Para se encontrar o tesouro em ambas as histórias, deve-se seguir pistas e desvendar enigmas.

b. Enquanto no conto *La Renarde* uma fada dá indicação de onde encontrar o ouro, nas histórias contadas em Camocim são almas (espíritos) que realizam essa etapa da busca ao tesouro. Seres fantásticos que não se apresentam para todos os humanos e que escolhem ocasiões específicas.

c. Em *La Renarde*, o camponês encontra um pote de ouro, Câmara Cascudo cita na descrição da botija: “[...] ouro em moeda, barras de ouro ou de prata, deixadas pelos holandeses ou escondidas pelos ricos [...]”²⁵. Logo, nota-se que o tesouro é semelhante em ambos os casos.

Por último, em *La Renarde*, a fada ajuda um pobre camponês, no conto francês, na história ouvida na entrevista às pessoas a quem as almas concediam a botija eram sempre pessoas de poucas terras que passavam necessidades. Ou seja, parece-nos que os seres fantásticos escolhiam aqueles que realmente necessitavam de ajuda, seja apenas por serem bondosos ou, quem sabe, em busca de alguma redenção por atos pecaminosos que haviam cometido em outros tempos.

25 CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2002, p. 77.

Esse se configura como o momento mais importante na constatação das residualidades, pois se observa como essas histórias retratam a vida do homem, seja o camponês na França no século XVIII ou o homem do campo no sertão nordestino no século XX. Os dois são retratados em épocas diferentes, mas com dilemas parecidos que também se assemelham na forma da construção da sua cultura, pois ter como base histórias inspiradas em camponeses franceses e em moradores de zonas rurais de cidades no Brasil são uma forma de contar um pouco de como essas pessoas viviam e vivem e como podemos utilizar esse aprendizado que eles nos deixam.

Podemos notar que a temporalidade reconfigura a narrativa, expressando-se através de novos sujeitos sociais em tempos históricos diferentes. Nesse caso, podemos tomar a análise das residualidades nas histórias como uma série de códigos que levam a linguagem oral em primeira instância e, depois, a linguagem escrita perpassada de geração a geração.

Destarte, vejo que é muito provável que a história da fada La Renarde tenha sido contada, recontada e interpretada até que se misturasse com outras histórias e viesse a dar origem a outra série de derivações, assim como essa mesma história certamente já seja fruto de outros contos que, em nosso caso, certamente são oriundas de residualidades medievais portuguesas.

CAPÍTULO 3

OS INIMIGOS DO MISTÉRIO: OS HOMENS DAS LETRAS VERSUS OS HOMENS DAS TREVAS

Herói é aquele que não conseguiu correr.
Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto).

No início do ensaio *Experiência e Pobreza*¹ (1987), Benjamin nos apresenta uma parábola de um velho que, pouco antes de morrer, legou aos seus filhos um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavaram a terra e muito procuraram por uma espécie de tesouro, mas nada encontraram, até que o outono chegou e as vinhas produziram como nunca antes. Então, os filhos compreenderam que seu pai os havia deixado de herança uma experiência, no caso não haveria ouro, mas a força de trabalho os faria prosperar. Um aprendizado. Contudo, isso se perdeu. Explicaremos.

Neste capítulo assumimos a postura de confrontar o papel da modernidade e sua consequente perda de experiência na visão Benjaminiana, com o desaparecimento de figuras dos contos, lendas e mitos. A análise se dará por meio da observação do periódico camocinense *O Literário*² e pelas entrevistas realizadas em uma

1 BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 3. ed. 1987.

2 O periódico camocinense era organizado pelo *Grêmio Literário Ivan Pereira de Carvalho*, que durou cerca de dez anos. Continha ensaios, artigos, crônicas, poesias. Um de seus organizadores foi Raimundo Bento Sotero, que será citado posteriormente nesta pesquisa.

análise comparativa das histórias, evidenciando, como se pode perceber, o sumiço de muitos seres como o Lobisomem, o Amortalhado e outros. Além disso, também discutiremos as representações dos monstros como símbolos e como eles podem demarcar costumes, se expressando dentro das práticas cotidianas de uma cidade.

Partindo deste ponto, em *Experiência e Pobreza*, Benjamin avalia a “cultura do vidro” proposta por Scheerbart como algo determinante para a eliminação dos vestígios do homem sobre a Terra. Isso porque as construções (casas) de vidro concebidas por Scheerbart refletiam o que a sociedade estava se tornando. O vidro, como “um material frio e sóbrio” e ainda “duro e liso”, não permite que nada se fixe. Características que o tornam um inimigo do mistério, pois o vidro não oportuniza que se deixe rastros sobre sua superfície.

Vale, explica:

A humanidade não mais tem paciência para produzir algo rico em detalhes, isto é, os objetos são feitos sem nenhuma preocupação de deixar a marca dos seres humanos. Tudo converge para apagar os rastros do homem sobre a terra. Não nos enganemos: os homens não aspiram a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna. Ficamos pobres de experiências. Abandonamos uma depois da outra, todas as peças do patrimônio humano.³

Benjamin percebe que sua sociedade começa a se afastar do ato de contar histórias, deixando passar o poder de se apropriar de sua tradição, o que lhes faz perder a oportunidade de certamente

3 VALE, Renato Silva do. *Cultura de Vidro: Uma crítica à modernidade a partir da visão Benjaminiana. Cadernos Walter Benjamin*, p. 07. Disponível no site: www.gewebre.com.br - Messtrando em Filosofia Social e Política no Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará – CMAF/UECE, sob a orientação da Profª. Dra. Marly Carvalho Soares. Bolsista da CAPES. E-mail: renatodovaleuece@yahoo.fr.

aprender algo muito significativo no campo dos modos de se viver. Ou no termo que ele mesmo usa, isso gera uma perda de experiência e o acúmulo de uma pobreza maior que a pobreza material.

Ao dissertar sobre esse momento, ele o qualifica como uma fase de barbárie. Para ele, isso significa que a humanidade destruiu seu laço com o próprio processo histórico, entrando numa condição bárbara, que suscitam péssimas possibilidades para a vida humana, como por exemplo, a incapacidade de aceitar as diferenças e o estabelecimento de padrões de “certo” e “errado”, “verdadeiro” e “falso”, sistema no qual nada novo cria-se, apenas se reproduz a partir de moldes já existentes⁴.

Em decorrência disso, as vivências tornam-se descartáveis, pois as experiências se constroem a partir das vivências, fazendo o caminho reverso: sem vivência, sem experiência, e a cultura de vidro levaria a isto, pela construção do tempo linear, que planifica a história tal como o vidro é “liso”. E se o tempo se torna linear, ele nunca muda e, assim, não há passado, presente ou futuro. Em síntese não há História. Se não há História, não existem perguntas e, muito menos, mistérios para serem revelados.⁵

Relacionando a visão da perda de experiências proposta por Benjamin ao estudo do caso publicado no periódico *O Literário*, em 1999, chamado de “Lobisomens e Visagens”⁶, escrito por Artur Queirós⁷, podemos verificar alguns indícios do que consideramos ser a perda de experiências relacionadas ao mundo sobrenatural

4 ANTUNES, Deborah Christina. PONTE. Carlos Roger Sales da. Nós, os bárbaros! Reflexões a partir de “Experiência e Pobreza”. In: *Cadernos Walter Benjamin*, n. 07, p. 108. Disponível em: www.gewebre.com.br.

5 *Ibid.*, p. 113.

6 Lobisomens e Visagens. Ano II – Edição 4 – Camocim-CE – Outubro de 1999, p. 03. Arquivado no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica de Sobral – NEDHIS.

7 Artur Carneiro de Queirós foi Memorialista e Historiador, muito conhecido na cidade por contar histórias sobre o passado que ninguém mais lembrava. Ocupou a cadeira Nº 10 da Academia Camocinense de Letras. É autor de dois livros: “*Recordações Camocinenses e Outras Memórias*” e “*E a Vida Continua...*”. Morreu em abril de 2011.

que envolve seres como o próprio Lobisomens e as muitas visagens, mas também o resto do clã: o Assobiador, o Caipora, o Gritador.

Para além de considerarmos apenas a perda de experiências que envolvem tais seres, apontamos também os cenários que tais entidades imprimiam ao cotidiano cidadão. Ora, por que os cidadãos de Camocim evitavam passar em determinado trecho da Rua Santos Dumont? Por que aquele cruzamento entre as ruas Boa Vista e Marechal Floriano era tão ermo? Deveria haver um grande motivo, pois driblavam o caminho para o Centro da cidade, levando muito mais tempo e gastando muito mais esforços para chegar ao seu destino, apenas para não ter que passar por tal trecho.

Segundo Artur Queirós, a região era muito perigosa. Tal pedaço de terra era conhecido como “Apertada-hora”, um local “macabro e desabitado, temido pelas assombrações”:

Além de estreito e sinuoso, o ‘Apertada-hora’ era ladeado por cercamento decaído, de velhas estacas lugubrememente vestidas de musgos e ramos de melão São Caetano, cenário próprio de coisas sobrenaturais, como almas penduradas nos liamos das sebes, cabelos hirsutos e desgrenhados, apavorando os atrevidos que por ali ousassem passar em horas mortas. Apareciam duendes e almas sacanas a soprar nos ouvidos dos transeuntes, com bafo quente e fétido, dos egressos do além. [...] Justamente a meio do caminho, aparecia enorme e apavorante rede atravessada, armada de um lado para o outro da cerca e dela surgia um vulto imenso, tal qual o Adamastor de Camões (Lusíadas), voz de trovão e arfante, cavernosa e lúbrica, acenando: ‘Vem cá, quero abraçar-te’. Era assim a abertura do monólogo sinistro da alma penada, ao levantar sua cabeça de visagem, abrindo os braços esqueléticos. Eis o retrato sem rebuços do “Apertada-hora”, que corria na cidade; mais apavorante ainda na quadra invernososa.⁸

8 Lobisomens e Visagens. Ano II – Edição 4 – Camocim-CE – Outubro de 1999, p. 03. Arquivado em Núcleo de Estudos e Documentação Histórica de Sobral – NEDHIS.

Contudo, havia sempre um herói para usar suas qualidades de homem destemido e desafiar o perigo. Ou, quem sabe, apenas mais um que, depois de tomar umas doses a mais e se ater com jovens senhoritas nas festas maxixes que aconteciam sempre aos sábados na Rua Macedo ou Gameleira, zonas mais afastadas do centro, bem longe das famílias, como diz o autor, tinha um lapso de coragem e resolvia desafiar todas as entidades do “Apertada-hora”. Isso gerava mais e mais histórias para contar, sobre o quão rápido foi capaz de correr, ou sobre não conseguir segurar a bexiga.

Ainda na Rua Boa Vista, por volta do ano de 1939, suas encruzilhadas resguardavam muitos mistérios, entre eles, um terrível Lobisomem:

Lá pelas alturas de meia-noite e meia, que é hora propícia, como dizem, quando o amancebado vira bicho, justamente em encruzilhadas, seus locais preferidos para tais escaramuças. [...] Iniciou-se com um estrondo imenso, horripilante, entre ladridos de cães furiosos, e, assim, surgiu, [...] aquela coisa informe, de chifres, sete olhos, quase todos ao longo do espinhaço escamado, o último na ponta do rabo em forquilha, soltando uivos cavernosos, nuvens de fogo pelas tabocas das ventas; pés de cabra e cor pardacenta.⁹

A salvação vinha da riqueza frutífera que estava espalhada pela cidade em outrora, poder atrepar-se numa pitombeira e escapar de um Lobisomem não é mais algo tão possível, tanto pela falta de lobisomens, quanto pela falta de árvores nas ruas. Na manhã seguinte, o que se ouvia é que tal pessoa não pode ir ao trabalho por muita dor no corpo, quando, na verdade, não queria demonstrar os arranhões causados pelas lutas com cachorros quando tentava atacar alguém depois da meia-noite. Em outras vezes até se sabia

9 *Id., Ibid.*

quem era o amaldiçoado, mas nem se fazia muita questão de discutir o ocorrido da noite anterior. Na manhã seguinte até podiam estar “no trabalho, nas Oficinas da Estrada de Ferro”, e como citado na matéria, bastava notar quando um homem deixava de ir à pesca para saber que algo havia por trás disso.

Agora é muito oportuno recordar uma história que minha mãe me contou muitas vezes. Era sobre um homem do interior que tinha conhecido uma mulher muito bonita e logo tinha se apaixonado. Ela sempre usava um vestido vermelho que o cativava. Certa vez, estavam os dois a namorar durante uma espécie de piquenique na mata, a jovem mulher estava linda em seu vestido vermelho, quando disse que precisava se ausentar um pouco e que logo voltaria. No entanto, tal momento muito demorou. A espera de seu amado foi cortada por uivos vindos da mata e um grande reboição nas folhas vindo em sua direção. O homem não demorou muito a correr em sentido oposto ao que via, um enorme e feroz Lobisomem, desesperado e com caminho certo para sua presa. O homem era jovem e forte, mas preferiu a fuga ao entrave com a terrível fera, sendo assim, subiu em uma árvore. O Lobisomem logo atrás tentou por várias vezes alcançá-lo pulando na árvore, mas sem sucesso, até que desistiu. O incomum foi que o homem notou, entre as suas presas, fios de tecido vermelho como o vestido de sua jovem amada. Em um primeiro momento ele pensou que ela havia sido devorada, até que ela voltasse ao seu encontro completamente nua e chorando, como disse minha mãe: desvirada.

Antigamente, as experiências e vivências estavam muito mais próximas desse universo, um Lobisomem poderia ser alguém conhecido na cidade, ou até mesmo seu amor.

Introduzi a moral da história no parágrafo anterior com o termo “antigamente” de forma proposital, pois é assim que o autor se referencia a esse tipo de ocorrido: “antigamente era trivial”, “su-

miram”, para justificar que, “Depois que a luz elétrica implantou o seu reino, transformando a escuridão em suave claridade, desapareceram os lobisomens.” Exemplificando que as novas tecnologias e os novos hábitos fizeram com que esse universo de antes, tão presente, se afasta-se cada dia mais e mais primeiro do cotidiano; os casos diminuíram, depois das rodas de conversa, pois sem as vivências das histórias, não haveria lógica em expressar experiências que não existiam mais, e agora chegamos há um ponto que as nossas próprias conversas estão deixando de existir no mundo real e se limitando ao universo virtual, estamos em uma nova era, seria essa a “cultura do vidro” que vivemos.

Para Artur Queirós, há um leque de coisas, “que desapareceram na voragem da globalização”, e uma delas foram as histórias de assombração. O que será que deixamos de aprender com isso?

“ABERRAÇÃO!” – O monstro como símbolo

Em letras garrafais era feita a chamada de mais uma das matérias do Jornal “A Manhã”, publicado em uma quarta-feira, 08 de março de 1950, nº 2632, página 10, no Rio de Janeiro.

ABERRAÇÃO! NASCEU COM CARACTERÍSTICAS DE HOMEM, DE ELEFANTE E DE MACACO. Fortaleza, 7 (Especial para *A Manhã*) – Curioso caso de teratologia registrou-se em Camocim, neste Estado, em que um porco nasceu com características de homem, de elefante e de macaco. O proprietário do animal progenitor, impressionado com a prole, quis eliminá-la, julgando o fenômeno um castigo do céu contra os crimes morais que avassalam o mundo...¹⁰

10 Aberração! Nasceu com características de homem, de elefante e de macaco. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 08 mar. 1950. nº 2632, p. 10.

Analisando a matéria do jornal, destacam-se alguns pontos, sendo o primeiro deles o título principal, escrito em letras maiúsculas em fonte de maior tamanho “ABERRAÇÃO”, objetivando, é claro, chamar atenção dos leitores para o caso, seguido pelo texto auxiliar (também em letras maiúsculas, com fonte um pouco menor) que complementa o texto principal, aliando informações que possam tornar o conteúdo da matéria mais interessante, e por último (neste caso), o corpo da notícia que se refere de forma mais direta sobre os detalhes do acontecimento.

Tânia Regina de Luca alerta que “as diferenças na apresentação física e estruturação do conteúdo não se esgotam em si mesmas, antes apontam para outras, relacionadas aos sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação”¹¹, assim, a forma com que o jornal expõe o caso influencia sobre como as pessoas irão entendê-lo.

O título principal e o texto auxiliar dão um caráter sensacionalista à notícia, julgando apresentar o nascimento de uma “ABERRAÇÃO”. Contudo, ao se ler a linha inicial da notícia, nos deparamos com a menção ao “Curioso caso de teratologia”, termo médico que, segundo Peres, se refere a anomalias e malformações congênicas determinadas a partir do embrião ou feto no processo de gestação, que podem ser causadas por agentes teratogênicos oriundos de fatores genéticos ou ambientais¹². No entanto, o texto esquece esta informação e prossegue descrevendo as características da aberração nascida.

Até expor a noção do dono dos animais, “um castigo do céu contra os crimes morais que avassalam o mundo...”, o proprietário do animal poderia entender o caso realmente como uma aberra-

11 LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Basanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153, p. 132.

12 PERES, Jayme Augusto do. Malformação facial em feto bovino: relato de caso. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, Garça/SP, v. 7, n. 15, p. 1-6, jul. 2010.

ção enviada por um ser divino, mantenedor da vida no universo, com o intuito de alertar sobre os desvios morais que os humanos cometiam, até mesmo que ele soubesse que aquilo também poderia significar um caso de teratologia. Mas apesar disto, a primeira análise que se faz aqui concerne a respeito do jornal moldar a opinião dos leitores para o entendimento de que o proprietário do animal julgava o caso como “castigo do céu” por possivelmente não saber o que era teratologia.

Ora, se a edição do jornal faz certo alarde sobre o nascimento de uma aberração e, logo em seguida, a justifica como caso de teratologia, depois mostra o proprietário do animal como “impressionado”, pode-se estabelecer a ideia de que o corpo editorial do jornal entendia que o caso era produto de uma disfunção congênita biológica “Curioso caso de teratologia”, mas preferiu propor aos leitores a visão de uma “ABERRAÇÃO” no entendimento de um agricultor temeroso ao poder divino. A criatura seria para o seu dono um símbolo, para os editores do jornal um ser biológico.

De acordo com Tânia Regina de Luca:

Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É óbvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: **as funções sociais desses impressos.**¹³

Pensando nisso, se faz importante saber de onde provém o discurso que é veiculado a partir do jornal e de conhecer seus

13 LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Basanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153, p. 132. (Grifo do autor).

interlocutores. O diário matutino *A Manhã*, lançado em 29 de dezembro de 1925, no Rio de Janeiro, por Mário Rodrigues, contava com 12 páginas, tamanho *standard*, com bom uso de imagens consideradas de boa qualidade para o período, sempre muito crítico, usava de linguagem mordaz, panfletária, demagógica, sendo também bem-humorado e acessível, buscava se ater a causas mais populares. Confrontava o autoritarismo, as oligarquias e a estrutura política da República Velha, sendo considerado de oposição ao governo vigente no período de sua fundação.

Mário Rodrigues já possuía experiência no campo editorial, tendo trabalhado no periódico *Correio da Manhã*, um dos maiores jornais do Rio de Janeiro naquele momento, foi quando então decidiu fundar o seu próprio jornal, que logo despontou, tanto pelo seu corpo editorial com nomes como Monteiro Lobato, Mário de Andrade entre outros, além de ter em sua escrita e formatação aspectos que chamavam atenção. O periódico se manteve em circulação até o ano de 1953.¹⁴

Percebemos, então, que o jornal tinha meios de elaborar boas matérias e de captar as informações que vinham de outras partes do país, além de um forte corpo editorial, capaz de coordenar, com precisão, a escolha do que seria publicado e de como seria, evidenciando que a matéria sobre a “ABERRAÇÃO”, nascida em Camocim, não estava ali sem propósitos, ou apenas como uma mera curiosidade. Desse modo, e ainda segundo Tânia, “[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”¹⁵.

14 A Manhã. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha/>. Acesso em: 23 mar. 2017.

15 LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153, p. 139.

Imaginando a descrição feita na matéria: ela representa um monstro. Especificamente, uma mistura de porco, homem, elefante e macaco, um caso de má formação genética definido como teratologia, mas entendido pela crença de seu proprietário como “um castigo do céu”. Uma representação formada por uma fisionomia deturpada, com olhos, boca, nariz e ouvidos diferentes dos padrões normais ao animal, todos esses são os indícios de como se fabrica um monstro, como tantos outros que permeiam a nossa história, esta é uma fórmula comum para defini-los, e que se transmite de geração a geração. É inevitável não notarmos a expressão do mal exposta em um corpo modificado. E como observamos para além de um ser biológico, o monstro é um símbolo.

A feição do monstro se configura em cada época e lugar. No Brasil, no período dos descobrimentos, animais como o tatu e o gambá foram considerados monstregos, na obra de Afonso Taunay, *Zoologia Fantástica do Brasil* (1917), pois não eram semelhantes aos animais da fauna europeia. Alguns séculos a frente, nas colônias, outros monstros surgiram para amedrontar e punir. Julio Jeha afirma isto em *Da Fabricação de Monstros*¹⁶, corroborando com a ideia de que, quando as pessoas não se enquadravam nas normas morais impostas pela Igreja, como ao exemplo das mulheres que se relacionavam com padres, poderiam se transformar em mulas sem cabeça.

O medo pode ser usado como restrição para que criemos barreiras que nos impeçam de tomar certas atitudes que fugiriam da moral ou dos costumes da sociedade em que se vive. Diante disso, cito as histórias que nossas mães nos contavam quando ainda éramos crianças, do “nana neném que a cuca vai pegar” até o “boi da cara preta, pega esse menino que tem medo de careta”. Essas são duas cantigas de ninar que já nos demonstravam desde pequenos

16 JEHA, Julio (Org.). *Da Fabricação de Monstros*. 1ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

do que deveríamos ter medo, e era com esse terror que obedecíamos ao chamado para o banho ou para ir dormir mais cedo. Nossas mães sabiam que nenhum bicho-papão viria nos pegar, o objetivo delas era fazer com que obedecêssemos a elas através do medo que nos causavam.

Sobre isso, Rúbia Lóssio, pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco e coordenadora do Centro de Estudos Folclóricos Mário Souto, disse, em entrevista: “Muitas vezes, o mito serve para manter a ordem, estabelecer limites, fazer com que as pessoas não fiquem na rua até tarde”¹⁷. Fica clara a presença do mito na imposição de limites, mas, nos tempos atuais, será que ainda podemos encontrar alguém que não saia de casa à noite com medo de encontrar com um lobisomem? Por um bom tempo, essa foi uma das tarefas do mito.

Ao se analisar contos, lendas e mitos percebe-se que, na maioria das vezes, o seu objetivo é impor medo. Medo esse que necessitamos e buscamos sentir. A prova mais cabível sobre isso é uma infinidade de contos de terror que nós próprios criamos para satisfazer nossa vontade em amedrontar e ser amedrontado. Como apontou a historiadora Mary Del Priore¹⁸, em entrevista: “Desde sempre as pessoas tiveram prazer em sentir medo”¹⁹. E talvez seja esse nosso desejo em sentir medo que fez essas histórias se difundem tanto.

17 ROMANELLI, Cristina. Qual é o bicho? *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 77, p. 16-22, fevereiro. 2012, p. 20.

18 Autora de *Esquecidos por Deus – Monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI – XVIII)* (Cia. das Letras, 2000) e também é organizadora de *Monstros e Monstregos do Brasil*, de Afonso d’Esragnolle Taunay (Cia. das Letras, 1999).

19 ROMANELLI, Cristina. Qual é o bicho? *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 77, p. 16-22, fevereiro. 2012, p. 22.

Uma história moralista para contar: reprimindo a vaidade e castigando os incrédulos com o medo

Fazendo referência a todos os conceitos que já foram circunscritos aqui, propomos agora, mais uma vez, o exame de tais histórias nas realidades dos entrevistados. Para além de queremos evidenciar mitos como histórias romanceadas e, no fazer historiográfico, querer de forma proposital encontrar e recriar um passado a partir de tais narrativas e dar validade ao nosso trabalho pela pesquisa histórica em torno disto, não queremos apenas dizer que sentimos a realidade em tais histórias. Queremos questionar coisas além destas, queremos apontar as transformações das mentalidades que estão claramente postas em textos míticos.

Quando nos deparamos com mitos que põem em xeque a nossa moral e as formas com que vivemos, não há como não questionar até que ponto a moralidade da sociedade estava presente nestes mitos, e como um se usava do outro para propagar as suas intenções pelo medo.

Na história a seguir, o sexto pecado capital, a vaidade, foi levado ao embate, e não estamos falando de Narciso, a entrevistada Mariana José cita:

Uma vez, tinha uma moça lá em casa, meu pai ia fazer a farinhada aí trouxe uma moça da Granja pra trabalhar mais nós, **ela era muito vaidosa**. Quando foi uma hora, apareceu uma visagem lá em casa, **derrubando a roupa das meninas, levantando a saia das meninas**, e jogando pedra na gente, e a gente rezava, quanto mais rezava mais a tentação atentava, aí o meu pai disse assim: “Eu vou atrás da macumbeira, pra fazer esse serviço aqui em casa que é pra tirar essa tentação”. Meu pai selou o burro e foi. Quando chegou no meio do caminho, o meu pai disse que a tentação pulou na garupa do burro dele, ele disse assim “Deus me acompanha, vai seguir pra poder tirar a

tentação lá de casa”, e foi. Chegou lá, falou com a macumbeira, aí ele disse assim: “Compadre, Zé Pedro, é a tentação que tá lá na sua casa, quer levar aquela moça”, aí papai disse assim: “Pois, comadre, vá lá em casa fazer o serviço, pra tirar a tentação”. Ela veio na mesma noite trabalhar, aí disse assim: “Tire a moça daqui, por que, na hora do trabalho, ela vai morrer”. Meu pai foi, pegou, mandou deixar a moça de volta na Granja, aí a macumbeira foi fazer o trabalho. Na hora do trabalho, baixou o espírito nela, meu pai perguntou **“Que espírito é esse que tá perturbando na minha casa, fazendo a tentação, levantando a saia das minhas filhas e batendo na bunda delas com a mãozona preta?”**. O espírito respondeu: “Zé Pedro, tu não te lembra de mim não?” aí o Zé Pedro, que era meu pai, disse assim “Me lembro não”. Aí ele disse assim: “É fulano, (ela não lembra o nome que o espírito disse). Eu era muito teu amigo, tocava violão contigo nas festas”. Papai disse assim “O que é que tu quer fulano?”. Aí ele disse assim: **“Eu quero levar aquela moça que estava aqui, porque ela era muito vaidosa, e eu quero ela pra mim”**. Papai respondeu: “Pois, tu não vai levar ela, não, porque ela não está mais aqui não, ela já foi embora, e você pode sair da minha casa, aqui eu não quero tentação nenhuma não. Tu não vive mais nesse mundo, tu tá atentado, vai te embora que eu não quero mais negócio contigo, não”. Aí o espírito foi e disse assim: **“Zé Pedro, tinha um homem aqui, um vizinho teu, que dizia que era mentira das tuas filhas, né, que eu não estava aqui perturbando”**. Papai disse: “E ele chegou aqui pra nós dizendo que era mentira das minhas filhas, que tudo era mentira, que não derrubava saia, que não fazia nada”. O espírito falou: “Tu quer que eu vá já lá na casa dele?” Papai disse assim: “Quero”. Aí ele disse assim: “Pois, vou já já”. Aí ele foi lá na casa dele, o espírito disse: “Cheguei lá, plantei a mão na rede dele, Zé Pedro, ele se acordou, aí ele perguntou pra mulher dele que tentação era essa que estava batendo na rede dele. Aí a mulher disse assim: ‘eu não sei não, é bem a tentação que estava lá no Zé Pedro’. Aí ele disse que bateu, bateu na rede dele, fez maior estripulia com ele, e depois voltou e disse: “Amanhã ele vem aqui te contar.” Aí a mulher foi e retirou o espírito, ele sumiu. **Quando foi no outro dia bem cedo, o homem chegou lá em casa contando que**

a tentação foi balançar a rede dele, as meninas disseram que ele dizia que era mentira, mas agora tinha visto que era verdade. E depois disso graças a Deus ficou tudo em paz.²⁰

O debate que queremos levantar por meio desta história concerne sobre a presença do medo em nosso cotidiano e como lidamos com ele. Entendendo as sutilezas deste sentimento que é moldado de acordo com nossas crenças. Alguns elementos mitológicos que aparecem de forma similar em crenças distintas podem significar o mal e, ao mesmo tempo, o bem, é o que defende Campbell²¹ (2005), com o exemplo de que a cobra em religiões ligadas a natureza, como o Budismo: o animal é um ser sagrado. Já no cristianismo, ela pode ser a encarnação do demônio.

Ou seja, não importa se é um bicho como uma cobra, ou um espírito que está a perturbar as filhas de um pai corajoso, o medo causado pelo ser advém de uma construção social coletiva, que determinou previamente do que deveria se ter medo.

Para Jean Delumeau²² (1989), o medo é inerente à nossa natureza. Sem o medo não teríamos chegado ao que somos hoje. A necessidade de segurança nos é fundamental e é à base da nossa moral afetiva; necessitamos estar seguros, porém o medo em excesso se torna uma patologia, como a esquizofrenia.

E, nas entrelinhas deste registro de medo, podemos deixar um pouco de lado tal sentimento e perceber as construções sociais que o dão vazão. A história começa com a justificativa de que a moça desejada pelo espírito havia chegado para trabalhar numa farinha, processo muito comum, mas também muito importan-

20 Entrevista realizada com Mariana José da Silva Araújo em 16/12/2016, na sua própria casa em Camocim-CE.

21 CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. org. por Betty Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990.

22 DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

te para o povo da zona rural, pois, por meio da farinha, conseguem ter alimento para todo o ano, e ainda podem vender parte da farinha para obter lucro. Não é à toa que as histórias de assombração nos interiores estão muito ligadas as farinhadas, primeiro porque esse era o cenário em que pessoas de várias localidades se uniam e podiam tratar de suas vivências, entre o processo de raspar, moer, secar a mandioca. E, por ser algo também importante, é que notamos a presença de seres fantásticos aparecendo nos enredos, para registrar, com maior precisão e impacto, a presença deles. Os contadores de histórias tinham seus interesses em perpetuar as histórias que contavam, então, seria sim útil e oportuno colocar os monstros entre as casas de farinha, o que tornaria sempre viva a memória de se respeitar alguns costumes que eram delimitados não só pela presença de assombrações, mas por pais com medo de seus filhos saírem tarde da noite, tomarem banho em algum rio ou açude sozinhos, ou se envolver em qualquer outro tipo de encrenca.

Pouco depois de Raimundo Bento Sotero²³ apontar, em matéria para *O Literário* no ano de 2001, que “Antigamente, todo lugar que se prezava tinha suas lendas, seus fantasmas, seus espantos”, ele nos apresenta ao Gritador²⁴, ser conhecido pelo “defunto que trazia às costas (dizem que o Gritador é o assassino que, expiando os pecados, leva sua vítima na cacunda)”.

Devidamente apresentados, neste registro, observamos o Gritador atrapalhando o andamento de uma farinha. “Arrebentaram-se as tariscas da bola do aviamento da casa de farinha do Zé Zilda e ele abriu os peitos no caminho da Marela (Amarelas, distrito de Camocim), levando a peça para o necessário conserto”.

23 Raimundo Bento Sotero (R.B.Sotero), marinheiro reformado, nasceu em 14 jan. 57, na cidade de Camocim, no Ceará. É escritor e poeta, algumas de suas obras são: *Versos Sinistros; Versos Retorcidos; Poesia Alguma; Tapera*, dentre outros.

24 O Gritador – Ano III – Edição 17 – Camocim-CE. Junho de 2001, p. 04. Arquivado no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica de Sobral – NEDHIS.

Nosso personagem é denominado por R. B. Sotero como Zé Zilda, não sabemos se este é um nome verdadeiro, ou um pseudônimo, mas sempre que R. B. Sotero escreve para *O Literário* sobre histórias em que não quer envolver diretamente os sujeitos do enredo, ele os disfarça com outros nomes, mas nos avisa disso no próprio texto. Neste caso não há nenhum aviso.

Zé Zilda fez o que podia para ir o mais rápido possível a sua casa de farinha, “pois a farinhada não podia parar e a mandioca amontoava-se pelo chão”. No entanto, não contava com o Gritador atravessando seu caminho seu desespero começou ao ouvir gritos na mata, pensou que podiam ser vaqueiros, ou trabalhadores da terra, mas “era uma voz rouca que se misturava a um gargolejado, a um grunhido”. Logo ele “apertando na mão um santinho que trazia dentro de uma oração”, tremia-se de medo.

Os gritos na mata pareciam se aproximar e Zé Zilda não conseguia mais fazer nada, quando começou a gritar por socorro e, felizmente, foi socorrido por um de seus filhos que o estava a esperar para voltar, depois que ele tivesse deixado a peça necessária na casa de farinha.

Mas antes que a história estivesse encerrada com esse final feliz, R. B. Sotero nos coloca a frase “tinha mais de 10 filhos, como era de costume naquele tempo, bem antes do advento da televisão”. E isso nos leva mais uma vez a problematizar a interferência da modernidade na perda de vivências e experiências. Neste caso, podemos registrar um outro modo de vida em que, segundo o autor, os casais antes da televisão passavam seu tempo livre procriando, o que podemos inferir sobre isso é que é realmente verdade que os casais de um tempo atrás tinham bem mais filhos do que os de hoje em dia. Mas até que ponto isso é apenas culpa da televisão?

Acreditamos que uma série de mudanças na forma de se viver em sociedade acarreta nas alterações do papel social. Atualmente,

as mulheres estão ocupando cargos que antes não tinham acesso e são bem mais do que apenas “donas de casa” - não que seja algo menor ser dona de casa, mas são opções. Se as mulheres querem gerir grandes empresas elas podem, mas também podem decidir por estarem lidando em tempo integral com a sua família, que pode e em muitos casos nem é mais composta por um homem, uma mulher e filhos. É preciso reconhecer a pluralidade das constituições do sentido de família que vigoram hoje.

E tentando elucidar o momento em que o autor se refere, ele pode ser ainda muito recente, talvez até mais próximo dos dias atuais do que o recorte temporal desta pesquisa, pois mesmo que o jornal *Âncora* anunciasse em 1952 que Camocim receberia um canal (faixa) de televisão, a tv só se popularizaria no Ceará entre os anos de 1970-80:

DO RIO – Foi assinado um decreto pelo Presidente da República, estabelecendo canais de televisão no Brasil. Ao Ceará, coube dez faixas, sendo: 4 em Fortaleza uma em Juazeiro, Crato, Sobral, Quixadá, Camocim e Crateús.²⁵ [...] a televisão cearense viveu um salto no número de canais e, conseqüentemente, a popularização deste meio nas décadas de 1970 e 1980. Foi o momento em que surgiram as TVs Verdes Mares (1970), Educativa (1974), Uirapuru (1978) e Manchete (1984).²⁶

A próxima narrativa também faz menção ao cotidiano das localidades interioranas ligadas às farinhadas. Inácio Santos²⁷ escre-

25 Notícias do Brasil. *Âncora*, Fortaleza, 01, dez. 1952. Ano VI, n. 44. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=844047&PagFis=188&Pesq=Camocim>

26 CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo da. Anotações sobre a história da televisão no Ceará (décadas de 1970 e 1980). *VII Encontro Nacional de História da Mídia*, 07., 2009. Fortaleza, p. 01. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/70-encontro-20091/Anotacoes%20sobre%20a%20historia%20da%20televisao%20no%20Ceara.pdf>

27 Inácio Santos nasceu em 1961 e viveu até seus 18 anos de idade em Camocim, morou um tempo fora. Já foi radialista na Rádio União – AM e trabalha na Rádio Liberdade FM desde 2015.

ve para *O Literário*, em 2002, sobre um possível pacto entre João Macário (pseudônimo definido por Inácio Santos, assim como os outros citados nesta narrativa) e o próprio Satanás. João tinha uma velha caminhonete C-10 usada para fazer horário, ou seja, para o transporte de passageiros da cidade para o interior e vice-versa sempre às segundas, quartas e sextas. Ele trabalhava com seu ajudante, chamado de Calunga. Às vezes o carro quebrava no caminho, mas nada que João não conseguisse resolver, até que uma vez, voltando para o interior onde João residia e vindo de uma oficina onde o carro havia sido consertado, eis que em “um banco de areia frouxa” o carro atolou e seu motor pifou. João e Calunga fizeram de tudo para fazer o veículo funcionar, mas de nada adiantou. Então João já havia perdido as esperanças e bradou: “Satanás, Lúcifer, se você existe e estiver me ouvindo, prove que é realmente poderoso, tire-me desta enrascada. Prometo que serei seu servo”.²⁸

Calunga não gostou nada do que ouviu, mas certamente Satanás sim. E logo depois de tais palavras, ou melhor, depois de tal súplica, apareceu andando pelo pé da cerca, Pedro Quindô, carregando apenas uma enxada no ombro, ele era antigo amigo de João e, depois de saber da situação em que se encontravam, logo se prontificou a ajudá-los. Pediu apenas que João ligasse o carro e saísse do atoleiro. João o fez, incrédulo, pois já havia tentado por várias vezes, mas desta vez o carro pegou e saiu sem dificuldades do atoleiro. João e Calunga não puderam disfarçar sua surpresa com aquilo, não entendiam como tinha ocorrido. João ainda ofereceu carona a Pedro, como forma de agradecer pelo que for que ele tivesse feito para ajudar, mas ele recusou e seguiu caminhando. Em seguida, os dois viajantes antes desafortunados partiram para casa.

28 O Pacto. *O Literário*. Ano IV. Edição 05. Camocim-CE. Setembro de 2002, p. 11-12. Arquivado no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica de Sobral – NEDHIS.

Chegando lá, Calunga foi direto a bodega da vila, comprar uma merenda, enquanto João contava do que havia acontecido a parte de sua família e amigos. Contudo, logo volta Calunga do comércio bastante apavorado e puxando João pelo braço o levando até a venda, onde estava Pedro Quindô que, ao ser interpelado por João sobre como tinha chegado antes deles a vila, retrucou: “Eu estou aqui desde ontem a noite, vim mais a mulher para farinhada na casa da comadre Rita, minha cunhada e só vamos quando acabar”. Ainda houve o reforço de que estavam todos no comércio jogando conversa fora há mais de duas horas.

João quase passou mal, certo ele de que havia protagonizado um pacto com ninguém menos do que Lúcifer, e que agora seria seu servo. Foram necessárias muitas conversas com amigos e até mesmo com o padre e com psicólogo para que João pudesse voltar à ativa, pois ele vivia sob a sombra do medo.

E notamos que mais uma vez a farinhada justifica o comportamento e neste caso há presença de determinado indivíduo na narração, pois como já foi apontado a farinhada é um elemento formador da identidade das pessoas que se ligam por tal trabalho realizado, que garanta a subsistência do povo. Desse modo, a farinhada tem papel preponderante na formação social do povo que viveu aquele ambiente, não só de trabalho, mas de sociabilidade, um momento de prover o alimento, mas também de conversar, causar intrigas e amedrontar.

Ao final do texto, Inácio nos dá uma moral do que toda a história poderia nos oferecer de ensinamento, o que segue a mesma visão do pai para seus filhos, na parábola contada por Benjamin, que foi citada no início deste capítulo, ele disserta:

Tal episódio talvez tenha sido apenas uma lição para João, o que não quer dizer que não sirva de exemplo para cada um de nós. É bom que saibamos que jamais devemos duvidar nem tampouco desafiar aquilo que não conhecemos. Pois já muito bem nos

deixou dito um grande filósofo: “Existem mais mistérios entre o céu e a terra do que possa imaginar nossa vã filosofia.”²⁹

Como se livrar do bicho papão? O poder do aprendizado

Se os mais velhos não nos ensinassem sobre as assombrações e sobre como fugir delas. Como aprenderíamos que não há mais assombrações para evitar? Não se pode mais ensinar como se livrar de assombrações porque não há mais assombrações para encarar... Mas quando a experiência nos diz que elas existem, não podemos fazer outra coisa a não ser aprender como enfrentá-las.

Entendendo a colocação referenciada em João dos Santos, em *O falar das letras*³⁰, partimos da premissa de que devemos aprender sobre como evitarmos assombrações, para que elas não apareçam em nosso caminho, pois a experiência dos mais velhos nos garante a sua existência e seus malefícios.

Então, se estivéssemos na empreitada que a entrevistada Mariana nos revelou, desejaríamos saber como poderíamos ter nos livrado do temido Assoviador, assim como seu “cumpade” conseguiu:

Meu *cumpade* vinha da casa da namorada dele, aí ele vinha a pé, andando e quando foi umas horas, ele ouviu um assovio bem forte. Aí ele foi e assoviou também, quando ele assoviou, quando ele viu foi duas *porconas* na frente dele, duas bichonas batendo os dentão pra rumo dele. Aí ele correu, e essas duas porcas correndo atrás dele. Quando ele chegou no meio do caminho, ele ouviu de novo outro assovio. Ele arremedou e quando ele arremedou o

29 O Pacto. O Literário. Ano IV. Edição 05. Camocim-CE. Setembro de 2002, p. 12. Arquivado no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica de Sobral – NEDHIS.

30 SANTOS, J. *O falar das letras*. Lisboa: livros Horizonte, 1982.

assovio, transformou foi um homem num cavalo, das porcas virou um homem num cavalo, um homem *em riba* do cavalo, cavalão todo... *selona* toda de ouro, e o *chicotão* de ouro e o homem batendo no cavalo e correndo atrás dele. Aí ele disse assim: **“Valha minha Nossa Senhora, valha minha mãe, que aonde vocês estiver, você me salve dessa tentação que tá correndo atrás de mim”**. Aí o cavalo desapareceu com o homem e apareceu uma mulher de branco. A mulher de branco era a mãe dele que veio salvar ele, disse ele que chegou em casa quase morto, passou um bocado de dia doente por causa da assombrção.³¹

Com esta história, notamos primeiramente que não devemos imitar os assovios que vem da mata, muito menos se for à noite e estivermos sozinhos. Na verdade, em momento algum, devemos imitar os assovios que vem do nada. E também aprendemos que rezar e rogar para Nossa Senhora e entes queridos já mortos pode nos ajudar a escapar de uma situação dessas.

Para tal ensinamento há uma origem. É sabido que a doutrina católica ainda é a mais forte no que se refere à religião no Brasil e, certamente nos anos 1960 e 1970, era ainda mais poderosa que hoje. Verificamos isso pelos costumes já apresentados aqui, assim, facilmente vamos ligar o fato de que pessoas vinculadas a essa religião se aterem a Deus em momentos de terror e medo, pedindo que ele ou os que estão ao seu lado possam interceder a seu favor.

Os pais ensinam a seus filhos que apenas Deus pode livrar de todo mal, e seus filhos, em certa medida, reproduzem isso, pois nem sempre os filhos acatam seus pais ou aceitam seus ensinamentos. Mas, quando isso acontece, vemos se perpetuando o pensamento vindo de alguém mais velho, falando a partir de seu espaço de experiência.

31 Entrevista realizada com Mariana José da Silva Araújo em 16/12/2016, na sua própria casa, em Camocim-CE.

Outro caso muito similar a este é o narrado por R. B Sotero em *O Literário*, na matéria chamada de “Assobiador”³², na qual Manuel Pedro, a mulher Deolinda o filho recém-nascido e uma cachorra estavam em peregrinação, migrando em busca de melhores condições de vida e, em uma das noites em que pararam na mata para dormir, Manuel acorda no meio da noite e:

Só um silvo conhecido e distante ia amaldiçoando a vida pela noite adentro: era o “assobiador”, visão fantástica de um suposto assassino que se penitencia arrastando a vítima pelas estradas nordestinas, até o dia de Juízo e, quando encontra um pobre diabo nas horas mortas, larga a carga em suas costas até que o galo cante por três vezes... Manuel Pedro não acreditava nisto; mas desde que Pretinho morrera, ele próprio era um “assobiador” que rumava para o mar, o seu dia de Juízo e com aquele fardo às costas! Quis acordar Deolinda para logo tomarem caminho, porém não o fez, pois a mulher, ouvindo aqueles assobios, iria meter-se nas rezas e jaculatórias de não acabar mais e isso seria ainda mais agourento que o próprio assobiador.³³

O personagem da história narrada, Manuel Pedro, sabia muito bem sobre a existência do Assoviador, de sua origem e do que ele poderia fazer, mesmo sem acreditar piamente em sua existência no mundo real. Diferente de sua esposa, Deolinda, a qual ele evitou de acordar durante a noite, pois ela, notando a presença do Assoviador, começaria suas invocações religiosas, o que para ele seria mais sinistro do que o próprio Assoviador.

Mas, para Manuel Pedro, aquela seria uma noite de sorte entre os infortúnios que a vida já lhe havia reservado. O Assoviador não ousou jogar o corpo de sua vítima sobre ele, que pôde

32 Assobiador . *O Literário*. Camocim-CE. Volume 2 – Edição 10. Junho de 1999, p. 03. Arquivado em Núcleo de Estudos e Documentação Histórica de Sobral – NEDHIS.

33 *Ibid.*, p. 03.

prosseguir seu destino em paz. E mesmo observando que o autor do texto não suscitou no personagem o desejo de se proteger da assombração a partir de rezas, notamos que outra personagem do enredo estaria pronta para isso. É aqui que captamos a essência da história, é sabido que o Assoviador só pode ser derrotado por intervenção divina.

O texto é carregado pela mentalidade do autor e de seu coletivo. Se todos falam do Assoviador, ele existe e se ele existe também há uma maneira de se defender dele. E como se defender do mal? Através do bem. Ligado à figura de santos, Jesus Cristo, Nossa Senhora e Deus, pois essa concepção foi a que vigorou por muito tempo, o dualismo entre o bem e o mal.

Ainda podemos verificar essa concepção na obra de Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*³⁴ (2002), no verbete seguinte:

Corpo-seco. 1) Homem que passou pela vida semeando malefícios e que se viu a própria mãe. Ao morrer, nem Deus nem o Diabo o quiseram; a terra o repeliu, enojada da sua carne; e, um dia mirrado, com a pele engelhada sobre os ossos, da tumba se levantou, vagando e assombrando os viventes na calada da noite (Leôncio de Oliveira, Vida Roceira). 2) Mulher que virava lobisomem, outra que dormia com o capeta, sem saber, e depois aparecia com moléstias horríveis. O corpo da mulher ia definhando, ia diminuindo de tamanho, até ficar como o de uma criança. A criatura possuída do demônio, se morria, era como o lobo: nenhum bicho, nem os corvos, nem as formigas, nem as vespas, lhe atacaria o cadáver. Enterrada, à própria terra repugnava operar a decomposição de suas carnes. A tradição é europeia. Os amaldiçoados e mortos sem penitência não serão desfeitos pela terra. O corpo seca. A deambulação é convergência do mito das almas penadas.³⁵

34 CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed., São Paulo: Global, 2002.

35 *Ibid.*, p. 162.

Os seres que são compreendidos como “Corpo-seco” são designados como causadores de muitos males durante a vida terrena e, por isso, nem Deus nem o Diabo o aceitaram em seus domínios, logo a terra também não o aceitou. E, segundo a tradição vinda dos povos europeus de que os mortos que ofenderam os mandamentos divinos em vida e que não se arrependeram, não teriam seus corpos comidos pela terra. A mentalidade gerada a partir das residualidades europeias ligadas, principalmente, ao catolicismo contribuíram fortemente para encontrarmos essa visão nas histórias de assombração.

Portanto, nossas condições de aprendizado sobre o mundo que nos cerca estão intimamente ligadas à nossa cultura, ao nosso cotidiano e às nossas influências que, no caso, nos atingem de forma mais intensa e de modo mais geral por nossas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jeanne Favret-Saada¹ questiona o afeto na antropologia, afirmando que muitos autores ignoram o seu papel na experiência humana ou, quando o reconhecem, o designam como um simples produto da construção cultural, e que não possui consistência fora desse contexto. Seu estudo põe em pauta que não está exercitando uma observação participante, muito menos praticando empatia, já que empatia é imaginar como seria estar no lugar do outro, e não propriamente fazer as mesmas ações que o outro. Ela foi mesmo que por um curto espaço de tempo o outro, se colocando como parte daquilo.

Quando a autora teve sua experiência com a feitiçaria no Boca-ge nos anos 1968, se viu entre dois caminhos: primeiro, participar efetivamente de rituais e encantamentos, o que poderia tornar seu trabalho uma aventura pessoal; segundo, participar observando, se mantendo a distância, o que não a ajudaria em ter as informações que precisava enquanto etnógrafa. Ela escolheu viver uma aventura. Mesmo se arriscando a perder o seu objeto de conhecimento, ela aceitou ser afetada pelo meio e, ainda assim, propor uma metodologia a partir de sua experiência.

Considero que em minha pesquisa acabei passando pela mesma situação. Quando decidi estudar os contos, lendas e mitos da minha

¹ FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. "Être Affecté". In: Gradhiva: *Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie*, 8, p. 3-9. Tradução: Paula Siqueira. Revisão: Tânia Stolze Lima. Cadernos de Campo n. 13, p. 155-161, 2005.

cidade, tinha em mente as histórias que meu pai me contava quando eu era criança, a nostalgia das minhas férias nas fazendas dos meus tios no interior de Camocim. Assim todo o cenário colaborou para que eu me sentisse como parte atuante da minha pesquisa.

Quando decidi entrevistar para essa pesquisa meu pai e minha mãe, objetivei captar a realidade em que eu vivi, mesmo eu sabendo que isso poderia afetar a minha pesquisa negativamente, por conhecer bem as pessoas que estariam me passando parte das informações que eu mesmo já conhecia. No entanto, a cada mês, semestre e anos de estudo deste trabalho, eu enxergava cada vez mais a reconstituição do que poderia ter sido o passado de Camocim, dos meus pais, ao redor desse universo fantástico.

Há muito de mim nesta pesquisa, passamos por lugares que eu brinquei quando era criança, por lugares que já tomei sustos, e por lugares que eu nunca ousei caminhar sozinho.

Além de toda a experiência de ser afetado pelo tema, considero que conseguimos por meio da metodologia e teoria aplicadas elucidar caminhos para a pesquisa sobre narrativas e temporalidades.

Em lugares diferentes e em contextos diferentes, existem muitos mitos semelhantes aos relacionados aqui, que superam as diferenças de nome e funções na sociedade e possibilitam o estudo de vários campos do fazer humano. Uma das tarefas pensadas nesta pesquisa é que o aporte científico construído pode funcionar como subsídio para outras pesquisas que tenham contos e outras narrativas como objeto de estudo. Sabemos das variações de enfoque das pesquisas e entendemos seus limites, mas, ainda assim, acreditamos que a experiência suscitada possa dar vazão a outros estudos que privilegiem o estudo da história vista de baixo, a história que se constrói todos os dias em todos os lugares.

REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS

Mariana José da Silva tem 58 anos de idade, agricultora. Entrevista realizada em 16/12/2016, na casa da própria entrevistada, em Camocim-CE.

Raimundo Pedro de Araújo 67 anos de idade, agricultor. Entrevista realizada em 16/12/2016, na casa do próprio entrevistado em Camocim-CE.

FONTES

Companhia de Luz e Força de Camocim – CFLC, Usina da Família CELA. A Imprensa, anno 1, nº 49, 9 de novembro de 1825.

Lobisomens e Visagens. O Literário. Ano II. Edição 4. Camocim-CE. Outubro de 1999, p. 03. Arquivado no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica de Sobral – NEDHIS.

Aberração! Nasceu com características de homem, de elefante e de macaco. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 08 mar. 1950. nº 2632, p. 10.

O Gritador – Ano III – Edição 17 – Camocim-CE. Junho de 2001, p. 04. Arquivado no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica de Sobral – NEDHIS.

Notícias do Brasil. Âncora, Fortaleza, 01, dez. 1952. Ano VI, n. 44. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=844047&PagFis=188&Pesq=Camocim>.

Jornal *O Literário* – Ano IV – Edição 05 – Camocim-CE. Setembro de 2002, p. 11-12. Arquivado no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica de Sobral – NEDHIS.

Jornal *O Literário*. Assobiador – Volume 2 – Edição 10. Junho de 1999, p. 03. Arquivado no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica de Sobral – NEDHIS.

SANTOS, Inácio. *Flamengas e Boqueirões*. Escritos em Verso e Prosa. 1 ed., Rio de Janeiro: Gráfica Fábrica de Livros – Senai, 2008.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: Histórias Dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 3. ed., São Paulo: Contexto, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES, Deborah Christina. PONTE, Carlos Roger Sales da. Nós, os bárbaros! Reflexões a partir de “Experiência e Pobreza”. In: *Cadernos Walter Benjamin*, n. 07, p. 108. Disponível no site: www.gewebre.com.br.

ARAÚJO, F. Sadoc de. *Cronologia Sobralense – Séculos XVII e XVIII – 1841-1880*. 2. ed., Fortaleza: Edições ECOA, 2015.

ARIËS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

BARROS, José D’Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo, conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011.

BAYARD, Jean-Pierre. *História das Lendas*. Tradução Jeanne Marillier. Ridendo Castigat Mores. 2005.

BELMONTE, Alexandre; GARCIA, Bruno; ELIAS, Rodrigo. Mensageiros dos deuses. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 77, p. 26-27, fevereiro. 2012.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 3 ed., 1987. BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos Contos de Fadas*. 16. ed., Paz e Terra, 2002.

BORGES, Maria Luiza X. de A. *Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros*. Zahar. Rio de Janeiro, 2010.

BOSI, Ecléa. *Sociedade e Memória: lembranças de velhos*. 3. ed., São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. Org. por Betty Sue Flowers ; tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. 2. ed., Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed., São Paulo: Global, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 3. ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Organização José Reginaldo Santos Gonçalves. 3. ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura/juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo*. 5º ed., Barueri, São Paulo: Manole, 2010.

CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo da. Anotações sobre a história da televisão no Ceará (décadas de 1970 e 1980). *VII Encontro Nacional de História da Mídia*, 07. 2009. Fortaleza, p. 01. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-20091/Anotacoes%20sobre%20a%20historia%20da%20televisao%20no%20Ceara.pdf>.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. 5. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. 5. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. “Être Affecté”. In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, 8. pp. 3-9. Tradução: Paula Siqueira. Revisão: Tânia Stolze Lima. *Cadernos de Campo* n. 13, p. 155-161, 2005.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. 4. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JEHA, Julio (Org.). *Da Fabricação de Monstros*. 1ª ed., Belo Horizonte: UFMG, 2009.

KRAMER, Herinrich.; SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. 1. ed., Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990, p. 477.

LIMA, Cláudio Emanuel Corrêa. *Mito: uma análise crítica*. Fortaleza, Edições UFC, 2007. LOWRY, Lois. *O Doador de Memórias*. 2. ed., São Paulo: Arqueiro, 2014.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Ana Maria. Como e porque ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARTINS, Elizabeth Dias. A Cristalização da Idade Média na Literatura Brasileira. *Revista Graphos*, Paraíba, v. 17, n. 2, p. 34-39. 2015.

MEGALE, Nilza Botelho. *Folclore Brasileiro*. 2. ed., Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. In: *Projeto de História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PU-C-SP:EDUC, n. 10, 1993.

PERES, Jayme Augusto do. Malformação facial em feto bovino: relato de caso. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, Garça/SP, v. 7, n. 15, p. 1-6, jul. 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatapy. *História & história cultural*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PLATÃO. *A República*. Organização: Daniel Alves Machado. Brasília: Editora Kiron, 2012.

PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella in Val di Chiana. In: *Usos e Abusos da História Oral*. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ROCHA, Claudécir de Oliveira. Poemas Satânicos no Brasil. 2014. 145 f. Dissertação (mestrado em Estudos Literários) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

ROMANELLI, Cristina. Qual é o bicho? *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 77, p. 16-22, fevereiro. 2012.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1920-1970*. 2008. 257 f. Tese (doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SANTOS, Inácio. *Flamengas e Boqueirões*. Escritos em Verso e Prosa. 1 ed., Rio de Janeiro: Gráfica Fábrica de Livros – Senai, 2008.

SANTOS, J. *O falar das letras*. Lisboa: livros Horizonte, 1982.

SILVA, Fernanda Maria Diniz da. *Mentalidade e Residualidade em Memória corporal*, de Roberto Pontes. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

STONE, Lawrence. *The Family, sex and marriage in England 1500 – 1800*. London: Pelican Books, 1979.

TAUNAY, Afonso d'Escragno. *Zoologia Fantástica do Brasil* (séculos XVI e XVII).

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, v. 15, abril de 1997.

VALE, Renato Silva do. Cultura de Vidro: Uma crítica à modernidade a partir da visão Benjaminiana. *Cadernos Walter Benjamin*, p. 07. Disponível no site: www.gewebre.com.br.

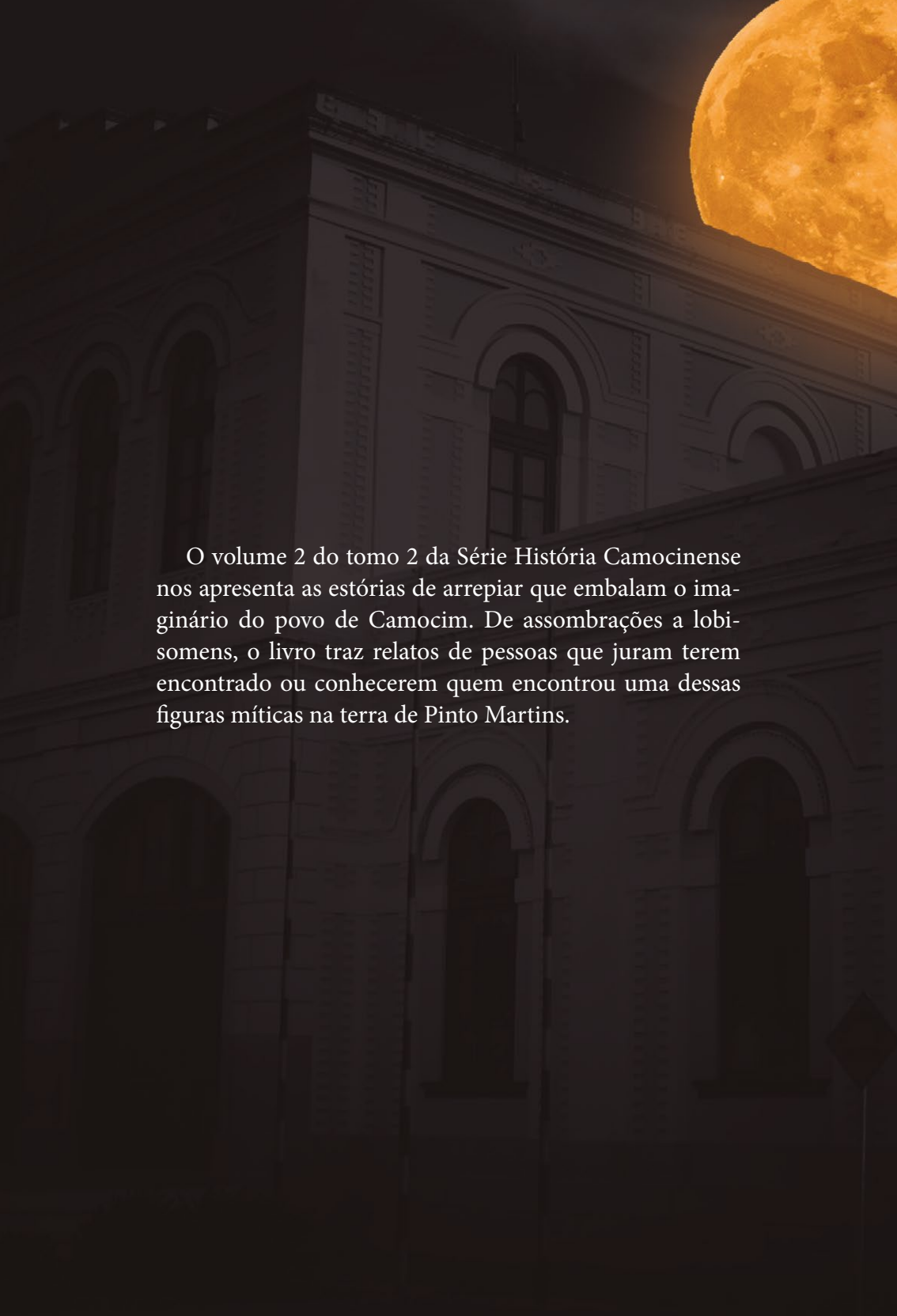
VASCONCELOS, Maria Darlene. As benzedoras: um ato de fé. Marco-CE. In: SILVA JUNIOR, Agenor Soares (Org.). *Histórias do Ceará: experiências de pesquisas dos alunos e professores do PARFOR/UVA*. 1. ed., Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. 2013.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Oralidade e Tradição na Caatinga: Experiências do sertanejo cearense com assombrações. *Projeto de História*. São Paulo, 2001.

VOLOBUEF, Karin. Contos de fadas dos Irmãos Grimm - No bicentenário da publicação, um encontro com narrativas orais da Idade Média que moldariam a Literatura Infantil. *Carta Capital*. Rio de Janeiro, jan. 2013. Seção Educação – Carta Fundamental. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/carta-fundamental-arquivo/contos-de-fadas-dos-irmaos-grimm>. Acesso em: 28ago. 17. Sábado, 15 de junho de 2019.



Este livro foi composto em fonte Minion Pro,
em e-book formato pdf, com 108 páginas
Setembro de 2021



O volume 2 do tomo 2 da Série História Camocinense nos apresenta as estórias de arrepiar que embalam o imaginário do povo de Camocim. De assombrações a lobi-somens, o livro traz relatos de pessoas que juram terem encontrado ou conhecerem quem encontrou uma dessas figuras míticas na terra de Pinto Martins.